

IREMOS TODOS!

Desafios e Oportunidades da Diversidade Cultural
na Igreja Adventista do 7º Dia em Portugal



TÍTULO

IREMOS TODOS! – Desafios e Oportunidades
da Diversidade Cultural na Igreja Adventista
do 7º Dia em Portugal

EDITADO POR

União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia

DISTRIBUÍDO EM PORTUGAL POR:

PUBLICADORA SERVIR, S.A.
Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo
Telef.: 219 626 200
E-mail: publicadora@pservir.pt
www.pservir.pt

DIREÇÃO-GERAL

António Carvalho

DIREÇÃO DE REDAÇÃO

Lara Figueiredo

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Marta Pereira

Imagens da capa: © Adobestock

Não é permitida a reprodução total ou parcial deste livro (texto, imagens e maqueta) nem o seu tratamento informático, nem a transmissão de nenhuma forma ou por qualquer meio, seja eletrónico, mecânico, por fotocópia, gravação ou outros meios, sem a autorização prévia e por escrito dos titulares do *Copyright*.



ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Multiculturalidade, Comunhão e Missão em Portugal 05

CAPÍTULO 1

A Riqueza da Diversidade Cultural 09

Anexo 1 – Exemplos de Eventos e Testemunhos Culturais .. . 14

Anexo 2 – Sermões 16

Anexo 3 – Casos e Testemunhos 24

Anexos

Workshop 1 – A Transculturalidade na Bíblia:
Deus a Agir Através de Diferentes Culturas 26

Workshop 2 – Panorama Cultural da UPASD:
Quem Somos, de Onde Vimos
e Como Crescemos Juntos 39

Workshop 3 – Choque Cultural e Hospitalidade Cristã:
Como Acolher e Integrar o Outro
sem Imposição Cultural 51

Workshop 4 – A Interculturalidade como
Ferramenta Missionária 61

CAPÍTULO 2

Modelos-Tipo de Liturgia 73

Como Desenvolver uma Cultura Musical e de Adoração
na Minha Igreja 79

CAPÍTULO 3

Acolhimento e Integração 83

CAPÍTULO 4**Membros Ausentes ou Desmotivados:**

O Ministério do Regresso	89
Anexo 1 – Plano Pastoral Intencional	97
Anexo 2 – Inquérito das Realidades e dos Desafios Multiculturais	102
Anexo 3 – Ausência/Desmotivação dos Membros Portugueses das Comunidades de Fé	107
Anexo 4 – Cuia Prático “Como Alcançar Ex-Membros e Membros Ausentes”	110

CAPÍTULO 5

Questões Administrativas	111
--------------------------------	-----

CAPÍTULO 6

Espaços de Culto	119
------------------------	-----

CONCLUSÃO	121
------------------------	-----



Multiculturalidade, Comunhão e Missão na Igreja em Portugal

A Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal vive um momento marcante da sua caminhada histórica. As nossas comunidades refletem, de forma cada vez mais visível, a diversidade cultural, linguística e social que caracteriza a sociedade portuguesa contemporânea. Este fenómeno não é apenas consequência dos movimentos migratórios do nosso tempo, mas expressão concreta do carácter universal da missão confiada por Deus à Sua Igreja: Anunciar o Evangelho “a toda a nação, tribo, língua e povo”.

A multiculturalidade presente nas igrejas da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia é, simultaneamente, uma bênção e um desafio. É uma bênção porque revela a vitalidade missionária da Igreja e antecipa a visão final do Reino de Deus, onde pessoas de todas as culturas se reúnem diante do trono. É um desafio porque exige discernimento espiritual, sensibilidade pastoral, maturidade institucional e uma liderança capaz de harmonizar diversidade e unidade, identidade e abertura, tradição e contextualização.

Este dossier nasce da convicção de que a diversidade cultural não pode ser gerida apenas com boa vontade ou improvisação. Requer reflexão bíblica profunda, orientação pastoral clara, estratégias práticas e processos bem definidos. Mais do que responder a situações pontuais, este material pretende apoiar Pastores e líderes para que desenvolvam uma visão integrada e sustentável, capaz de transformar potenciais tensões em oportunidades de crescimento espiritual e missionário.

A Bíblia apresenta-nos uma Igreja que nasce multicultural. Do Pentecostes à visão de Apocalipse, o agir de Deus revela que as diferenças, quando submetidas à ação do Espírito Santo, deixam de dividir e passam a glorificar o Seu nome. Contudo, a unidade bíblica nunca foi sinónimo de uniformização. A Igreja é chamada a ser um só corpo em Cristo, respeitando contextos, culturas e sensibilidades, sem perder os princípios que definem a sua identidade e missão.

Neste contexto, a multiculturalidade não se limita à composição étnica das comunidades. Ela manifesta-se na forma de adorar, na linguagem utilizada, na música, nos estilos de liderança, nas expectativas em relação à igreja, na vivência da fé e na compreensão da pertença

comunitária. A diversidade cultural cruza-se também com a diversidade geracional, com novas formas de participação digital, com diferentes percursos de fé e com realidades sociais e legais específicas do território português.

O presente dossier aborda estas questões de forma abrangente, articulando várias dimensões da vida da Igreja. Apresenta uma visão bíblica da diversidade como dom de Deus; propõe modelos de adoração que respeitam princípios teológicos, ao mesmo tempo que se adaptam ao contexto local; sublinha a centralidade do acolhimento e da hospitalidade cristã como expressão concreta do Evangelho; chama a atenção para o cuidado pastoral dos membros ausentes ou desmotivados, recordando que ninguém deve ser esquecido; e oferece orientações administrativas claras que promovem integração, ordem, responsabilidade legal e coerência institucional.

Um dos eixos centrais deste dossier é a convicção de que a Igreja não existe apenas para reunir pessoas, mas para cuidar delas, integrá-las, discipulá-las e enviá-las em missão. Acolher não é apenas abrir a porta; é abrir o coração. Integrar não é apenas incluir em atividades; é criar pertença. Escutar não é apenas recolher opiniões; é um ato espiritual que permite ao Espírito Santo falar através do Seu povo. E cuidar dos que se afastaram não é uma opção, mas uma expressão do ministério do Bom Pastor, que vai em busca da ovelha perdida.

Ao mesmo tempo, este material reconhece a importância da clareza administrativa e do respeito pelos regulamentos da Igreja e pela legislação portuguesa. Uma integração saudável requer transparência nos processos, compreensão dos procedimentos e alinhamento institucional. Especialmente num contexto multicultural, onde muitos irmãos chegam de realidades e enquadramentos legais diferentes, a clareza é uma forma de cuidado pastoral e de proteção da missão.

Este dossier não pretende oferecer soluções rígidas ou modelos únicos. Pelo contrário, propõe princípios orientadores, ferramentas práticas e exemplos que podem ser adaptados à realidade de cada igreja local. Reconhece-se que cada comunidade tem a sua história, o seu contexto e os seus desafios específicos. Contudo, todas são chamadas a viver o mesmo Evangelho, a refletir o mesmo amor de Cristo e a caminhar na mesma esperança.

Dirige-se, de forma especial, aos Pastores, anciãos, líderes departamentais e membros de Conselhos de Igreja, como um instrumento



de apoio ao discernimento, à formação e à ação pastoral. É também um convite à reflexão pessoal e comunitária, à oração e à renovação do compromisso com a missão que Deus confiou à Sua Igreja em Portugal.

Que este dossier ajude cada comunidade a tornar-se um espaço onde a diversidade é valorizada, a unidade é vivida, a missão é partilhada e ninguém fica para trás. Que as nossas igrejas sejam verdadeiramente casas de acolhimento, escolas de discipulado e centros missionários, onde pessoas de todas as culturas possam encontrar pertença, esperança e salvação em Jesus Cristo.



A Riqueza da Diversidade Cultural

Introdução e Contexto

A diversidade cultural nas igrejas da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia (UPASD) é hoje uma realidade incontornável e em constante crescimento. Ela reflete não apenas os movimentos migratórios, mas também o cumprimento da missão global da Igreja.

Esta diversidade representa, simultaneamente, um desafio e uma oportunidade para a vida das nossas Comunidades. Quando acolhida com sabedoria e com sensibilidade espiritual, torna-se numa poderosa expressão do Reino de Deus, num testemunho vivo de que o Evangelho é para todos.

A Bíblia apresenta a diversidade como parte do plano redentor de Deus. Em Babel, a multiplicidade de línguas foi sinal de dispersão e de confusão; no Pentecostes, essa mesma diversidade foi restaurada pelo Espírito Santo, que fez com que todos ouvissem as boas-novas, “cada um na sua própria língua” (Atos 2:6). A Igreja nasce, assim, como uma Comunidade onde as diferenças deixam de dividir e passam a glorificar Deus. A visão final de Apocalipse reforça esta realidade: “vi uma grande multidão... de todas as nações, tribos, povos e línguas” (Apocalipse 7:9).

Por isso, a presença de várias Culturas na Igreja não é um acaso histórico, mas um sinal do agir de Deus. O desafio está em transformar a diversidade numa bênção, e não numa barreira.

Contudo, esta missão não diz apenas respeito às Culturas que chegam, mas também à Cultura que acolhe. A cultura portuguesa, com as suas história, espiritualidade, sensibilidade relacional e forma de viver a fé, é parte essencial deste diálogo. A missão intercultural exige que quem acolhe e quem é acolhido caminhem juntos num processo de aprendizagem e de transformação mútua. A cultura autóctone não deve ser esquecida nem diluída, mas chamada a abrir-se ao outro, sem perder a sua identidade. Só assim a Igreja se tornará verdadeiramente numa Comunidade onde todas as Culturas são tocadas, purificadas e reconciliadas em Cristo.

O objetivo deste Capítulo é despertar uma maior consciência para o valor da diversidade cultural, ajudando cada comunidade local a desenvolver uma visão bíblica, espiritual e prática que transforme potenciais obstáculos em pontes para o Evangelho.

Estratégias

1. Workshops Temáticos

Promover *workshops* práticos sobre diversidade cultural (ver anexos). Estes materiais oferecem ferramentas para reflexão bíblica, estudo em grupo e propostas de ação local.

Podem ser realizados em contextos de formação, reuniões de igreja ou encontros interdepartamentais, sempre com espaço para partilha e diálogo entre diferentes realidades culturais.

2. Eventos e Iniciativas Multiculturais

Organizar programas, cultos e convívios que celebrem a riqueza da diversidade presente na comunidade de fé (ver sugestões em anexo).

Estes momentos constroem pontes, aproximam pessoas e testemunham do amor de Cristo de forma visível e alegre.

Mais do que Folclore ou Gastronomia, trata-se de reconhecer o valor espiritual das diferentes Culturas e de celebrar a unidade no meio da diversidade.

3. Sensibilidade na Liderança da Igreja

Ao refletir-se sobre nomeações para cargos de liderança, é importante considerar-se a representatividade das diferentes Culturas.

Não se trata somente de se “ter representantes”, mas de se garantir que, nos Conselhos de Igreja e em cargos de responsabilidade, existam vozes que conhecem de perto a realidade dos irmãos que vieram de outros países.

Assim, ao planearem-se programas, projetos missionários ou atividades locais, haverá sempre quem possa recordar perguntas essenciais como:

“Como podemos envolver também os irmãos desta Comunidade?”

“Será que este horário, ou esta forma de comunicar, serve para todos?”

Pequenos gestos de inclusão tornam-se grandes bênçãos: Evitam que



alguém se sinta de fora, enriquecem a vida espiritual da igreja e fortalecem a unidade no corpo de Cristo.

Exemplos práticos:

- Conselho de Igreja representativo: Garantir a presença de pessoas de diferentes origens culturais.
- Comissão de Nomeações inclusiva: Incluir, sempre que possível, alguém de outra nacionalidade ou Cultura.
- Funções visíveis: Incentivar irmãos de diferentes origens a participarem em áreas centrais como a Escola Sabatina, a Música, a Recepção e o Ministério Pessoal.
- Planos adaptados: Uma liderança multicultural ajuda a ajustar horários, linguagem e atividades (por exemplo, encontros em horários acessíveis a quem trabalha por turnos ou apoio à tradução, quando necessário).

Atenção também à cultura portuguesa anfitriã:

Incluir membros portugueses nos processos de integração, formando “anfitriões culturais”, que ajudam os novos irmãos a compreenderem hábitos, expressões e dinâmicas da igreja local.

Criar momentos de partilha de tradições nacionais e regionais, mostrando que acolher outras Culturas não significa apagar a própria, mas integrá-la num todo maior.

Promover reflexões sobre o que significa ser Português e Adventista numa Igreja global, convidando os membros locais a verem-se também como missionários no seu próprio território.

4. Pequenos Grupos Missionários Interculturais

A diversidade cultural é uma excelente oportunidade para se criar pequenos grupos missionários mais ricos e dinâmicos.

Cada Cultura traz consigo diferentes formas de viver e de expressar a fé, na Música, na Oração, na forma de contar histórias e de acolher pessoas. Quando estas experiências se cruzam, os grupos tornam-se mais criativos e capazes de alcançar públicos diversos.

Na prática, isto pode significar:

Formar pequenos grupos mistos (Portugueses e Imigrantes), para promover partilha mútua e crescimento conjunto.

Criar grupos específicos onde irmãos de uma mesma nacionalidade se sintam à-vontade para convidar familiares e amigos.

Organizar encontros em casas, com cânticos, orações e partilha de comidas típicas, usando a Cultura como ponte missionária.

Estimular testemunhos pessoais: Um Imigrante pode contar como conheceu Jesus no seu país de origem, e um Português pode partilhar como aprendeu a acolher e a crescer na fé com irmãos de outras origens.

Desta forma, os pequenos grupos tornam-se num reflexo do Céu: Pessoas diferentes, mas unidas em Cristo, a partilhar a fé e a abençoar a Comunidade ao seu redor.

Nota Final

Este Capítulo apresenta orientações gerais para valorizar a diversidade cultural como uma bênção, e não como um obstáculo.

Os anexos que acompanham este *Dossier* oferecem ferramentas práticas e formativas que complementam a reflexão teórica.

Eventos e Diversidade Cultural (Anexo 1): Exemplos concretos de celebrações, cultos e programas locais que fortalecem a comunhão entre Culturas.

Sermões (Anexo 2): Várias propostas de mensagens bíblicas centradas na unidade, na reconciliação e na missão multicultural.

Testemunhos e Casos Práticos (Anexo 3): Experiências reais de Imigrantes e líderes locais que ajudam a compreender os desafios e as bênçãos da integração.

Workshop 1 – “A Transculturalidade na Bíblia: Deus a agir através de diferentes Culturas”: Um olhar bíblico sobre a forma como Deus usa a diversidade para cumprir o Seu propósito.

Workshop 2 – “Panorama Cultural da UPASD: Quem somos, de onde vimos e como crescemos juntos”: Análise do mosaico cultural presente nas nossas igrejas.

Workshop 3 – “Choque Cultural e Hospitalidade Cristã: Como acolher e integrar o outro sem imposição cultural”: Ferramentas para



a empatia e o acolhimento prático.

Workshop 4 – “A Interculturalidade como Ferramenta Missionária”: Estratégias para usar a diversidade como meio de evangelização e de discipulado.

Estes recursos foram preparados para apoiar cada igreja local a viver, de forma prática e inspiradora, a missão de Deus num contexto multicultural – onde todos, Imigrantes e Anfitriões, são chamados a refletir o mesmo amor de Cristo.

ANEXO 1

Exemplos de Eventos e Testemunhos Culturais

1. Noite Internacional

Um evento que celebra a diversidade cultural presente na Comunidade. Cada grupo, ou família, pode representar o seu país com comida típica, músicas, vestes tradicionais e curiosidades. É uma oportunidade de se conhecer e de se valorizar as origens uns dos outros num ambiente festivo e fraterno.

2. Jantares Temáticos

Reúnem as pessoas em torno de um tema cultural específico – por exemplo: “Noite Italiana”, “Sabores de África” ou “Sabores do Oriente”. Para além da Gastronomia, pode-se incluir decoração, música e momentos breves de partilha sobre a história e a espiritualidade desses povos.

3. Festivais de Música Sacra com Sensibilidade Cultural

Eventos musicais que unem coros e grupos de diferentes origens, cada um interpretando cânticos sacros nos seus estilo e idioma. A ideia é mostrar como a fé pode ser expressa de formas variadas, respeitando-se e enriquecendo-se com as tradições musicais de cada Cultura (FEMUSA).

4. Tertúlias

Encontros informais – geralmente em tom de conversa e de partilha – sobre temas culturais, históricos ou espirituais. Podem incluir leitura de textos, debate de ideias e testemunhos pessoais. A tertúlia estimula o diálogo e o crescimento mútuo num ambiente descontraído.

5. Dia da Cultura ou Dia das Nações

Um dia dedicado à celebração da riqueza cultural presente na igreja ou na Comunidade. Pode incluir bandeiras, exposições, apresentações artísticas e momentos de oração intercessora por diferentes países. É um evento educativo e espiritual que reforça o senso de unidade na diversidade.

6. Sábados Especiais Organizados por Diferentes Nacionalidades

Cada Sábado (ou outro dia de culto) é preparado por uma comu-



nidade cultural específica, que conduz a Liturgia, a Música e até a decoração. Aproveitam-se datas comemorativas ou feriados nacionais para integrar tradições e mensagens espirituais que representem a identidade do grupo.

Nota Orientadora Final

Estes eventos devem ser planejados com oração e sensibilidade pastoral, garantindo-se que a celebração da Cultura nunca substitua o centro da fé, que é Cristo.

A cooperação entre Departamentos (Comunicação, Música, Ministério Pessoal, Jovens, Crianças, Família, etc.) enriquece a experiência e assegura a coerência espiritual.

O objetivo não é apenas exibir tradições, mas testemunhar a beleza do Evangelho vivido através de cada Cultura – uma verdadeira antecipação da adoração celestial, onde “todas as nações e povos glorificarão o Cordeiro” (Apocalipse 15:4).

ANEXO 2

Sermões

Sermão – “... E Deus Interveio!” (Gênesis 11:1-9)

Desde pequeno tenho ouvido a história da Torre de Babel. Durante muitos anos, percebi esta passagem de uma maneira simples, em que a ação de Deus se baseava numa não vontade de que a Torre de Babel fosse construída.

Mas, quando olhamos para o texto com mais calma, quando observamos o seu contexto e analisamos os detalhes, começamos a perceber a riqueza do texto bíblico, e podemos ver que existe uma mensagem mais profunda para cada um de nós nesta passagem.

Estudar esta passagem mais profundamente ajudou-me a crescer na compreensão do amor de Deus e no respeito para com o meu próximo. Vejamos o contexto com mais calma.

1. O Contexto da História

Gênesis 9:18 e 19 – “Se povoou toda a terra”.

O capítulo 10 começa a descrever as descendências dos três filhos de Noé.

Gênesis 10:5, 20, 31 e 32.

O capítulo 11:10-32 apresenta a geração que se seguiu a Sem.

Estas duas passagens descrevem os nomes de cada um dos filhos de Sem, Cam e Jafé.

Não é dito que Sem teve tantos filhos, Cam teve tantos filhos e Jafé teve tantos filhos. Mas cada um deles é identificado pelo nome, e é dito de cada um: “Segundo as suas famílias, segundo as suas línguas.”

O contexto mostra que cada indivíduo humano tem um valor único e insubstituível.

Não somente Deus é único, como nos é dito em Deuteronómio 6, mas cada ser humano é único!

A história humana é uma história de indivíduos únicos, mesmo que façam parte de uma família, de uma tribo, de um país ou de uma língua.



A riqueza da diversidade humana é destacada ao observar-se que cada indivíduo tem um nome que lhe é próprio, que o identifica, caracteriza e diferencia, e que é um sinal da sua singularidade.

Não somos produtos feitos em cadeia, mas exemplares únicos!

Como o Artesanato. A riqueza do Artesanato está em saber-se que alguém dedicou tempo para fazer algo único e o fez com gosto e com prazer.

Percebemos ainda que o texto tem algo a dizer neste sentido, pois o próprio nome “Sem” significa “o nome, renomado”.

O texto de Génesis 11:1-9 vem no meio deste contexto. O que encontramos aí?

2. O Significado do Texto

Versos 1 e 6 – Uma mesma língua.

Verso 3 – Tijolos, moldes, forma. Todos iguais.

Verso 4 – Um nome coletivo.

O que se passa é o contrário do projeto de Deus.

Uma só língua = Uma só maneira de pensar.

Um nome = Uma identidade uniforme.

Como os tijolos = Todos forçados a entrar dentro do mesmo molde.

Há uma diferença entre uniformidade e unidade.

Vejamos o arco-íris: Ele existe porque tem várias cores.

A orquestra contém vários instrumentos.

As flores, cada uma com o seu formato e a sua cor. Imaginemos se existissem apenas uma cor e um formato de flor!

Aqui é demonstrado o espírito totalitário que deu origem à maneira de agir de “Babilónia”, que encontramos em:

Daniel 1:4 e 5 – Comer e aprender todos da mesma forma.

Daniel 3:6 e 7 – Adorar da mesma forma.

Apocalipse 17:5, 13 – O mesmo intento.

Todos devem falar, pensar, comer e adorar da mesma forma, segundo o espírito de Babel. Para esse sistema, Deus diz, em Apocalipse 18:4: “Sai dela, povo meu.”

Infelizmente, a história humana está pontilhada por esta maneira babilónica de agir. Quando um homem, um Partido, uma Religião ou,

mesmo, uma Igreja tenta impor a sua maneira de “pensar, agir e falar” a todos, e concentra o seu poder num só lugar ou num só homem, então Deus intervém.

3. Deus Intervém para Preservar a Identidade Humana

Gênesis 11:5 e 6.

Deus fê-lo porque, como Criador, conhece o valor de cada ser humano e age sempre que esse caráter único de cada indivíduo é colocado em perigo.

Vejamos, em Gênesis 1, como a diferença é algo desejado e criado por Deus:

Luz e trevas; água e terra; árvores segundo as suas espécies; animais marinhos segundo as suas espécies; aves segundo as suas espécies; animais terrestres segundo as suas espécies; e, mesmo, o ser humano. Ele criou homem e mulher.

A diferença e a diversidade são parte do plano de Deus.

No Pentecostes (Atos 2:5-11), cada um ouvia na sua língua.

Nos dons para a Igreja (I Coríntios 12), dons diferentes e individuais conforme a escolha do Espírito Santo.

Apocalipse 2:17 – Novo nome. No Céu, a identidade única do caráter de cada ser humano continuará a fazer parte dos planos de Deus.

4. O Espírito de Profecia e a Individualidade

Ao ler o Espírito de Profecia, percebi que este tema se encontra claramente apresentado. Retirei do livro *Mente, Caráter e Personalidade*, Vol. 2, Capítulo 45, que tem por título “Individualidade”, escrito por Ellen G. White, as seguintes citações:

“Cada ser humano, criado à imagem de Deus, é dotado de uma certa faculdade própria do Criador – a individualidade –, faculdade esta de pensar e agir. Os homens nos quais se desenvolve esta faculdade são os que arrostam responsabilidades, que são os dirigentes nos empreendimentos e que influenciam nos caracteres.”

“O Senhor não deseja que a nossa individualidade seja destruída; não é o Seu desígnio que quaisquer duas pessoas sejam iguais nos gostos e nas disposições. Todos têm características que lhes são particulares, e estas não se devem destruir, mas educar, moldar, afeiçoar segundo a semelhança de Cristo.”



“É plano do Senhor que haja unidade na diversidade. Não existe um homem que possa servir de critério a todos os outros homens. Os nossos vários encargos são proporcionados às nossas várias capacidades. Fui expressamente instruída de que Deus dotou os homens de diferentes graus de capacidade e, então, coloca-os onde possam fazer a obra para a qual se acham habilitados. Cada obreiro deve dar aos seus coobreiros o respeito que lhes é devido.”

“O Evangelho trata com indivíduos. Cada ser humano tem uma alma a ser salva ou a perder. Cada qual tem uma individualidade separada e distinta de todas as outras. Cada um de nós está convencido por si mesmo e convertido por si mesmo. Tem de receber a verdade, arrepender-se e obedecer por si mesmo. Tem de exercer a sua vontade por si próprio. Ninguém pode fazer esta obra por procuração. Ninguém pode submergir a sua individualidade na de outro. Cada qual tem de, por sua própria ação, render-se a Deus e ao ministério da piedade.”

“Deus é o dono da vossa individualidade.”

5. Conclusão

Deus deu ao ser humano o dom da diferença, e convida todos os que se chamam Seus filhos a vê-la como Ele a vê.

Primeiro, a aprender a ver na diferença uma bênção, e não uma ameaça.

Segundo, a entrar em ação quando vemos alguém oprimido por ser diferente.

Finalmente, o nosso texto de Génesis 11:1-9, quando visto por este prisma, revela-nos um Deus de amor que intervém quando percebe que a nossa identidade está em perigo.

Revela-nos um Deus que escolheu que fôssemos diferentes uns dos outros propositadamente.

Um Deus que nos dá o livre-arbítrio de escolher, pensar e agir.

Este texto mostra-nos como ainda temos um longo caminho a percorrer para aceitar a diferença.

Um longo caminho a percorrer para aprender que unidade é diferente de uniformidade.

Sermão – “Pentecostes: Unidade na Diversidade”

Texto-base: “Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem” (Atos 2:4).

Introdução

Meus irmãos, Pentecostes é mais do que uma data no calendário da Igreja. É o nascimento da comunhão cristã; é o momento em que o Céu Se inclinou sobre a Terra e o Espírito de Deus soprou vida nova sobre a Humanidade.

Ali, em Jerusalém, homens e mulheres de todas as nações reuniram-se – cada um com o seu idioma, a sua história, a sua sensibilidade. E, de repente, o impossível aconteceu: O Espírito Santo uniu o que a História separara; fez-se voz comum num mundo de vozes desencontradas.

O que em Babel fora confusão, no Pentecostes tornou-se harmonia. O Espírito não apagou as diferenças – consagrou-as. Não impôs uma língua única – traduziu o amor de Deus em todas as línguas.

Desenvolvimento

Quando o Espírito Santo desceu, não veio como uma doutrina fria, mas como um vento ardente.

Veio incendiar corações, libertar vozes, despertar dons.

Aqueles homens tímidos, fechados por medo, tornaram-se testemunhas intrépidas.

O que mudou?

O Espírito fez deles um só corpo, mas não uma só forma.

Pentecostes é comunhão sem uniformidade.

Deus não pede que sejamos todos iguais.

A Igreja não é um exército de cópias; é um corpo vivo, onde cada membro tem uma função, uma graça e um timbre próprios.

O Espírito não destrói a individualidade – purifica-a e coloca-a ao serviço do amor.

Pentecostes é linguagem universal.

Todos ouviram o Evangelho, “cada um na sua própria língua”.

O Espírito fala à alma de cada povo, respeitando a sua música e a sua cor.



Onde há humildade para escutar, ali o Espírito traduz o amor eterno em dialetos humanos.

Hoje, também, Ele continua a falar.

O problema é que muitos já não escutam.

O ruído das ideologias, a pressa do mundo e o orgulho das certezas abafam a voz do Espírito.

Precisamos, irmãos, de reaprender a escutar o vento suave que move as brasas do coração.

Pentecostes é missão.

O fogo que desceu não foi dado para ser guardado, mas para ser levado.

Cada língua que falou naquele dia tornou-se testemunha.

O Espírito não cria espectadores – cria mensageiros.

Ser Cristão é arder de tal forma que outros encontrem luz na sua chama.

Onde há divisão, o Espírito é ponte.

Onde há medo, o Espírito é coragem.

Onde há silêncio cúmplice, o Espírito é palavra profética.

Conclusão

Pentecostes é a resposta divina à solidão humana.

É o Espírito que une sem apagar, que purifica sem destruir, que renova sem romper.

Hoje, o mesmo Espírito deseja reacender a Igreja – não com espetáculo, mas com santidade; não com ruído, mas com verdade.

Ele quer transformar o nosso medo em missão, a nossa diversidade em harmonia, o nosso falar em testemunho.

E, por isso, irmãos, peçamos:

“Vem, Espírito Santo!

Vem sobre as nossas casas, sobre as nossas Comunidades,

vem sobre as nossas línguas cansadas e os nossos corações divididos.

Faz de nós um só corpo, uma só voz, um só amor em Cristo!”

O Pentecostes não terminou.

Continua cada vez que o Espírito encontra um coração disponível para amar.

E quando Ele soprar – que nos encontre juntos, diferentes, mas unidos no mesmo fogo!

Sermão – “Paulo, o Apóstolo das Culturas”

Texto-base: “Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios salvar alguns.” I Coríntios 9:22.

Introdução

Há figuras na história da fé que, pelas suas amplitude espiritual e lucidez intelectual, transcendem o seu tempo. O apóstolo Paulo é uma dessas figuras. Discípulo formado aos pés de Gamaliel, conhecedor da Lei e das tradições hebraicas, cidadão romano e homem de pensamento helénico, Paulo representa uma ponte entre mundos: O Judaísmo antigo e o universo greco-romano, a fé dos pais e a nascente universalidade cristã.

Quando lemos I Coríntios 9:19-23, encontramos nesta passagem não apenas o missionário ardente, mas também o pensador que compreendeu que o Evangelho, sendo eterno, precisa de falar a cada Cultura no seu idioma, com os seus símbolos e as suas sensibilidades. A fé não é um artefacto cultural, mas encarna-se nas Culturas, assim como o Verbo Se fez carne.

Desenvolvimento

Paulo diz: “Sendo livre de todos, fiz-me servo de todos, para ganhar o maior número possível.”

Há aqui um paradoxo sublime: A liberdade que se consome em serviço. Ele não procura ser camaleónico por conveniência, mas encarnacional por amor.

Em cada contexto, ajusta a forma, sem trair o conteúdo.

O Judeu entre os Judeus.

Entre os filhos de Abraão, Paulo fala a linguagem da Aliança.

Cita Moisés, invoca os Profetas e reconhece o peso da Lei.

Não despreza o passado; antes, interpreta-o à luz de Cristo.

Para Paulo, a fé cristã não nasce do nada: Ela brota do tronco antigo de Israel, agora florescido em plenitude.

O Grego entre os Gregos.

Quando pisa o Areópago de Atenas, não cita os Salmos, mas os poetas helénicos.

Reconhece o altar “ao Deus desconhecido”, e nele semeia o Evangelho. Paulo entende que a cultura humana é como um campo onde Deus já deixou sinais da Sua presença.

Ele não destrói a Cultura; purifica-a, eleva-a, redime-a.



O escravo e o livre.

Na sociedade romana, onde a dignidade era privilégio, Paulo proclama a igualdade radical em Cristo.

O servo é irmão, o senhor é servo – todos são um só corpo.

Ele não faz revoluções externas, mas planta a semente da verdadeira libertação: A da consciência diante de Deus.

Em cada passo, Paulo mostra uma sabedoria pastoral e uma cultural admirável.

Ele sabe que o Evangelho não se impõe como espada, mas propõe-se como luz.

E, para isso, é preciso compreender, escutar, dialogar – sem diluir a verdade.

Há um princípio que atravessa toda a sua missão:

A verdade é imutável, mas a linguagem da verdade é sempre viva.

Conclusão

Paulo ensina-nos que ser Cristão no mundo é um exercício de fidelidade criativa.

O seu exemplo é profundamente atual: Numa época de fragmentação cultural e de ruído ideológico, ele mostra o caminho do discernimento – nem o isolamento rígido de quem teme o novo, nem a diluição fácil de quem esquece o essencial.

Ser “tudo para todos” não é perder-se; é amar o suficiente para traduzir a verdade na língua de cada coração.

O apóstolo das Culturas não procurou aplausos, mas almas.

E, no seu esforço humilde de compreender o outro, revelou o próprio coração de Cristo, Aquele que, sendo Deus, fez-Se homem para nos salvar.

Que também nós, à semelhança de Paulo, aprendamos a anunciar a fé, sem perder as raízes, e a dialogar com o mundo, sem trair o Evangelho.

ANEXO 3

CASOS E TESTEMUNHOS Exemplos Seculares de Diversidade Cultural

1. Revista *Narrativas Mag*: “Memorial em Terra Lusa – Estórias do Imigrante em Portugal”

Nesta publicação da revista *Narrativas Mag*, são relatadas as histórias de **Lia** (de origem angolana-portuguesa) e de **Isabella** (Brasileira emigrada para Portugal), que expressam como a identidade cultural e o sentido de pertença se moldam a partir da vivência em Portugal.

Pontos positivos: Lia relata que, apesar das suas raízes angolanas, sente-se “claramente Portuguesa”, e afirma que a família “é rica em perspetivas” pela diversidade interna.

Isabella admite ter sofrido com o preconceito no início; mas, hoje, considera-se “praticamente Portuguesa... Mas no fundo, sempre serei Brasileira”.

Utilização prática: Podem ser usados excertos destes testemunhos numa tertúlia ou num momento de partilha, por exemplo, com perguntas como:

“Como concilias a tua herança cultural com o lugar onde vives?”

Este tipo de dinâmica promove empatia, escuta ativa e diálogo entre os membros da Comunidade.

[Artigo completo – Narrativas Mag](#)

2. Coleção “Percurso... em nós” (DVD de Imigrantes em Portugal)

Esta iniciativa do Alto Comissariado para as Migrações (ACM) e da Comissão Nacional da UNESCO em Portugal recolhe testemunhos de Imigrantes que escolheram Portugal como novo lar, destacando as suas experiências e adaptações, os seus desafios e as suas conquistas.

Pontos positivos: A comissária do projeto salienta que o DVD “pretende celebrar a diversidade cultural” e “mostrar que a diversidade deve ser celebrada e comemorada”. As histórias relatam pessoas que encontraram em Portugal mais do que um destino – uma nova casa, onde as suas Culturas puderam florescer.



Utilização prática: Num evento comunitário ou num culto temático, pode ser apresentado um pequeno clipe ou uma leitura de um testemunho do *DVD* como introdução, seguida de um momento em que alguém da Comunidade partilhe, ao vivo, uma experiência semelhante.

[Notícia – RTP: “Estórias de Imigrantes em DVD para Celebrar a Diversidade Cultural](#)

3. Exemplos Audiovisuais no *YouTube*

Vídeo: Como É a Vida num Bairro de Imigrantes em Portugal?

Este vídeo apresenta o quotidiano de Comunidades multiculturais em bairros portugueses, destacando a convivência, os desafios e a solidariedade entre vizinhos de diferentes origens.

[Ver vídeo no YouTube](#)

Utilização prática: Pode ser usado como ponto de partida para uma conversa em grupo ou num *workshop* sobre integração cultural e hospitalidade cristã.

Sugestão final: Estes testemunhos ajudam a Igreja a compreender melhor o contexto real da diversidade em Portugal, oferecendo histórias autênticas, que podem ser integradas em sermões, formações, semanas temáticas ou encontros interculturais.

São um excelente ponto de partida para unir reflexão bíblica e realidade social.

ANEXOS

WORKSHOP 1

“A Transculturalidade na Bíblia: Deus a Agir Através de Diferentes Culturas”

Duração: 1h30 (pode ser adaptado)

Público-alvo: Líderes de igreja, Dinamizadores de Escola Sabatina, jovens e membros interessados

Objetivos:

- Reconhecer que a Bíblia é um livro marcado pela diversidade cultural.
- Identificar exemplos de como Deus usa diferentes povos e Culturas para cumprir a Sua missão.
- Refletir sobre como a Igreja em Portugal pode aplicar estas lições hoje, no contexto da multiculturalidade.

Estrutura do Workshop

Acolhimento e Introdução (10 min)

Breve dinâmica: Pedir que cada participante diga o país/a Cultura de onde veio (ou de onde vêm os seus pais/avós).

Apresentação do tema:

“Deus nunca Se limitou a uma só Cultura. Desde o início, usou diferentes povos, línguas e contextos para mostrar o Seu amor. Vamos descobrir alguns exemplos na Bíblia.”

Definição e Enquadramento

(a acrescentar logo após a Introdução)

O Facilitador pode dizer:

- “Antes de irmos às histórias bíblicas, precisamos de perceber o que significa *transculturalidade*.”

Definição simples:

- *Transculturalidade* é a capacidade de se atravessar fronteiras culturais e de se relacionar com pessoas diferentes de nós – acolhendo, aprendendo e vivendo em conjunto.
- Na Bíblia, vemos isto sempre que Deus chama o Seu povo a sair da sua zona de conforto e a reconhecer que **a missão de Deus é universal.**



Transculturalidade na Bíblia – breve explicação

1. No Antigo Testamento

- Deus chamou Abraão para ser bênção para “todas as famílias da terra” (Gênesis 12:3).
- Israel foi chamado a ser luz para as nações (Isaías 49:6).
- Histórias como as de Rute, Naamã, Jonas e, até, Ester mostram como Deus agiu através de povos estrangeiros e como esses encontros transculturais revelaram o Seu plano.

2. No Novo Testamento

- Jesus rompeu barreiras culturais: Falou com Samaritanos (João 4); elogiou a fé de um centurião romano (Mateus 8:10); incluiu publicanos e mulheres no Seu círculo.
- O Pentecostes (Atos 2) marcou o início da Igreja como uma Comunidade global, onde cada um ouvia na sua própria língua.
- Paulo tornou-se apóstolo dos Gentios, mostrando que a missão de Deus não tem fronteiras.

3. Abordagem divina

- Deus não elimina as diferenças culturais, mas usa-as como **ponte para o Evangelho**.
- A Bíblia mostra que sempre que houve resistência (ex.: Jonas, Pedro em Atos 10), Deus interveio para **alargar a visão do Seu povo**.
- A transculturalidade bíblica é, portanto, um convite: **Ver a diversidade como bênção e missão**.

Estudo Bíblico em Grupos (30 min)

Dividir os participantes em três grupos. Cada grupo lê uma narrativa bíblica e responde a perguntas simples.

Rute (Rute 1-4)

“Como usou Deus uma mulher estrangeira para fazer parte da linhagem de Jesus?”

“Que impacto tem o acolhimento de Rute por parte do povo de Israel?”

Jonas (Jonas 1-4)

“Porque foi difícil para Jonas aceitar a missão transcultural?”

“O que aprendemos sobre o amor de Deus pelos diferentes povos?”

Pentecostes (Atos 2)

“O que significa o Espírito Santo ter falado em tantas línguas diferentes?”

“Como é que esta experiência mostra a missão universal da Igreja?”

Cada grupo resume as suas respostas em duas ou três frases.

Partilha em Plenário (20 min)

Cada grupo apresenta:

A história estudada.

O que nos ensina sobre a ação de Deus através das Culturas.

Uma aplicação para a Igreja, hoje.

Aplicação Prática (20 min)

Dinâmica: Escrever num papel uma ideia concreta de como a igreja local pode viver esta dimensão transcultural (ex.: Incluir cânticos de diferentes Culturas no culto; criar pequenos grupos multiculturais; traduzir atividades; valorizar comidas típicas em convívios missionários).

Colar todas as ideias num mural com o título: “Pequenos gestos, grandes milagres – hoje também Deus trabalha através da diversidade.”

Conclusão e Desafio Espiritual (10 min)

Leitura de Apocalipse 7:9 (“uma grande multidão... de todas as nações, tribos, povos e línguas”).

Oração pedindo que a Igreja em Portugal seja um reflexo desta visão de unidade na diversidade.

Workshop – Roteiro para o Facilitador**1. Acolhimento e Introdução (10 min)**

Facilitador:

Bem-vindos a este *workshop*. O nosso tema é ‘A Transculturalidade na Bíblia’. Vamos ver como Deus sempre trabalhou através de diferentes povos e Culturas para mostrar o Seu amor.

Antes de começarmos, façamos uma pequena dinâmica: Cada pessoa vai dizer o seu nome e o país ou a região de onde vem, ou de onde vieram os seus pais/avós.



Percebem? Já aqui entre nós temos várias histórias e raízes diferentes. É exatamente isto que também encontramos na Bíblia.

Antes de irmos às histórias bíblicas, precisamos de entender o que significa *transculturalidade*. A palavra pode parecer complicada, mas é simples: “Transculturalidade é a capacidade de se atravessar fronteiras culturais e de se relacionar com pessoas diferentes de nós. É acolher, aprender e caminhar juntos, mesmo quando não falamos, não cantamos ou não vivemos exatamente da mesma forma.”

Na Bíblia, este tema aparece muitas vezes. Logo com Abraão, Deus disse: “*Em ti serão benditas todas as famílias da terra*” (Gênesis 12:3). Ou seja, desde o início, o plano de Deus nunca foi só para um povo. Israel foi chamado a ser luz para as nações, não a fechar-se em si mesmo.

Depois vemos histórias concretas: Uma Moabita, chamada Rute, que entrou no povo de Israel e que se tornou parte da linhagem de Jesus. Um Sírio, chamado Naamã, que conheceu o Deus vivo através da palavra de uma pequena serva. Um profeta como Jonas, que resistiu, mas que acabou por levar a mensagem de Deus a Nínive. E, mais tarde, no Novo Testamento, Jesus, que rompeu barreiras ao falar com Samaritanos e ao valorizar estrangeiros.

O ponto alto foi o Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu e cada pessoa ouviu a mensagem na sua própria língua. Este foi o sinal de que a missão de Deus não tem fronteiras culturais.

O que aprendemos? Que Deus não apaga as diferenças culturais, mas usa-as como ponte para o Evangelho. Sempre que o Seu povo tentou limitar a missão, Ele abriu as portas e mostrou: “O Meu amor é para todos!” A transculturalidade não é uma moda moderna – está no coração da Bíblia e no caráter de Deus.

2. Estudo Bíblico em Grupos (30 min)

Facilitador:

Agora vamos dividir-nos em três grupos. Cada grupo vai receber uma passagem bíblica e algumas perguntas para refletir.

Grupo 1: Rute 1-4. Grupo 2: Jonas 1-4. Grupo 3: Atos 2. Leiam juntos, conversem e respondam às perguntas. Depois, cada grupo vai partilhar com todos o que descobriu.

(Distribuir as perguntas previamente preparadas em papel ou projetá-las no ecrã.)

3. Partilha em Plenário (20 min)

Facilitador:

Chegou o momento de ouvirmos cada grupo. Vamos aprender juntos.

Grupo 1, contem-nos: O que aprenderam com a história de Rute?
(Depois de o grupo partilhar, o Facilitador resume em uma frase: “Deus usou uma estrangeira para mostrar que o Seu amor é para todos e até para fazer parte da linhagem de Jesus.”)

Grupo 2, o que descobriram com Jonas?
(Resumo: “Às vezes, resistimos à missão transcultural; mas Deus mostra que também ama quem é diferente de nós.”)

Grupo 3, falem-nos sobre o Pentecostes.
(Resumo: “O Espírito Santo falou em muitas línguas para mostrar que a mensagem é universal e que a diversidade é parte do plano de Deus.”)

4. Aplicação Prática (20 min)

Facilitador:

Agora, pensemos na nossa Igreja em Portugal. Como podemos viver estas lições, hoje?

Cada pessoa vai escrever num papel um gesto simples ou uma ideia prática para que a nossa Igreja seja mais inclusiva e missionária no meio da diversidade.

(Exemplos: Cânticos em diferentes línguas; convívios multiculturais; tradução de programas; pequenos grupos mistos; dar espaço na liderança a irmãos de outras Culturas.)

Vamos colar todas as ideias neste mural com o título: “Pequenos gestos, grandes milagres – hoje também Deus trabalha através da diversidade.”

5. Conclusão e Desafio Espiritual (10 min)

Facilitador:

A Bíblia mostra-nos que Deus sempre trabalhou através de diferentes Culturas. E, no Céu, veremos uma multidão de todas as nações, tribos, povos e línguas (Apocalipse 7:9).



A diversidade não é um obstáculo: É uma bênção e uma oportunidade para testemunhar melhor.

O meu desafio é este: Esta semana, façam um pequeno gesto de aproximação a alguém de outra Cultura. Lembrem-se: Pequenos gestos, grandes milagres!

(Fazer uma oração final pedindo unidade, amor e visão missionária para a Igreja.)

A Transculturalidade na Bíblia

É profundo, desafiante e muito atual, mas, ao mesmo tempo, tem raízes antigas, ligadas à forma como Deus sempre trabalhou através de povos, línguas e tradições diferentes.

Num *workshop* em formato de pequenos grupos bíblicos, dá para criar um ambiente participativo e pessoal. Aqui vão algumas ideias práticas e vivas para organizar o encontro:

1. Abertura: “Deus fala em todas as línguas”

Começar com uma breve reflexão sobre o episódio do Pentecostes (Atos 2) – onde o Espírito Santo Se faz entender através de todas as línguas e Culturas.

Podem ler-se o texto e, depois, lançar-se uma pergunta:

“O que significa para nós que Deus fale na língua de cada povo?”

2. Divisão em pequenos grupos temáticos

Cada grupo pode explorar um exemplo bíblico onde Deus agiu através de diferentes Culturas.

Algumas sugestões de passagens:

- Rute e Noemi (Rute 1-4) – A fé que nasce entre duas Culturas diferentes.
- José no Egito (Gênesis 37-50) – Deus a usar um estrangeiro para salvar nações.
- Daniel em Babilónia (Daniel 1-6) – Fidelidade a Deus em contexto cultural alheio.
- Jesus e a mulher samaritana (João 4) – O diálogo entre povos divididos.
- Pedro e Cornélio (Atos 10) – A abertura da fé a todas as nações.

Cada grupo pode:

Ler o texto em conjunto.

Identificar elementos culturais (costumes, tradições, tensões, linguagem).

Refletir: “Como agiu Deus através destas diferenças?”



Aplicar à realidade atual: “Como é que a fé atravessa Culturas, hoje?”

3. Momento de partilha

Reunir todos os grupos e deixar que cada um resuma em 2-3 minutos o que descobriu.

Pode usar-se um quadro ou cartaz para anotar padrões comuns (por ex.: Hospitalidade, humildade, escuta, reconciliação, missão).

4. Atividade simbólica

Algo simples, mas marcante:

Cada grupo recebe um tecido de cor diferente (representando uma Cultura) e, no fim, unem-se todos os tecidos num painel único, simbolizando que o plano de Deus é um mosaico de Culturas.

Ou, então, cada pessoa escreve uma palavra que represente “Deus a agir na minha Cultura” e coloca-a num mural.

5. Encerramento: Oração pela unidade

Terminar com uma oração conjunta, pedindo que Deus continue a agir através da diversidade – que a Igreja saiba aprender com outras Culturas, sem perder a sua fé.

Sugestão extra – Se quiser algo mais interativo:

Incluir músicas de diferentes tradições cristãs (por exemplo, um cântico africano, um coral europeu, algo latino).

Ou um testemunho de alguém que viveu a fé noutro país – isso dá corpo ao tema.

A Transculturalidade na Bíblia: Deus a Agir Através de Diferentes Culturas

Breve Explicação

1. No Antigo Testamento

Deus chamou Abraão para ser bênção para "todas as famílias da terra" (Gênesis 12:3).

Israel foi chamado a ser luz para as nações (Isaías 49:6).

Histórias como as de Rute, Naamã, Jonas e, até, Ester mostram como Deus agiu através de povos estrangeiros e como esses encontros transculturais revelaram o Seu plano.

2. No Novo Testamento

Jesus rompeu barreiras culturais: Falou com Samaritanos (João 4), elogiou a fé de um centurião romano (Mateus 8:10), incluiu publicanos e mulheres no Seu círculo.

O Pentecostes (Atos 2) marcou o início da Igreja como uma Comunidade global, onde cada um ouvia na sua própria língua.

Paulo tornou-se apóstolo dos Gentios, mostrando que a missão de Deus não tem fronteiras.

1. Estudo Bíblico em Grupos

- Dividir os participantes em três grupos. Cada grupo lê uma narrativa bíblica e responde a perguntas simples.
- Rute (Rute 1-4)
 - Como usou Deus uma mulher estrangeira para fazer parte da linhagem de Jesus?
 - Que impacto tem o acolhimento de Rute por parte do povo de Israel?
- Jonas (Jonas 1-4)
 - Porque foi difícil para Jonas aceitar a missão transcultural?
 - O que aprendemos sobre o amor de Deus pelos diferentes povos?
- Pentecostes (Atos 2)
 - O que significa o Espírito Santo ter falado em tantas línguas diferentes?



Como é que esta experiência mostra a missão universal da Igreja?

- Cada grupo resume as suas respostas em duas ou três frases.

2. Partilha em Plenário (20 min)

- Cada grupo apresenta:
 - A história estudada.
 - O que nos ensina sobre a ação de Deus através das Culturas.
 - Uma aplicação para a Igreja, hoje.

3. Aplicação Prática (20 min)

Dinâmica:

Escrever num papel uma ideia concreta de como a igreja local pode viver esta dimensão transcultural (exs.: Incluir cânticos de diferentes Culturas no culto, criar pequenos grupos multiculturais, traduzir atividades, valorizar comidas típicas em convívios missionários).

Colar todas as ideias num mural com o título:
“Pequenos gestos, grandes milagres – hoje também Deus trabalha através da diversidade.”

4. Conclusão e Desafio Espiritual (10 min)

Leitura de Apocalipse 7:9.

WORKSHOP BÍBLICO

“A Transculturalidade na Bíblia: Deus a Agir Através de Diferentes Culturas”

Duração total: 1h30 a 2h00

Formato: Pequenos grupos (5 a 8 pessoas)

1. Acolhimento (10 min)

Receber o grupo com simplicidade:

Música de fundo suave (pode ser instrumental ou de outra cultura cristã).

Cumprimentar cada pessoa, apresentar brevemente o tema:

“Hoje vamos descobrir como Deus Se revela e age através de Culturas diferentes – e como isso continua a acontecer na nossa vida.”

Oração inicial curta e sincera, pedindo abertura e escuta:

“Senhor, ensina-nos a ver o Teu agir em todas as pessoas e Culturas, e a reconhecer-Te onde talvez não esperávamos encontrar-Te.”

2. Introdução bíblica e diálogo inicial (10-15 min)

Texto de referência: Atos 2:1-12 (Pentecostes)

Ler o texto devagar. Depois, lançar algumas perguntas abertas:

“O que te chama mais a atenção neste episódio?”

“O que simboliza o facto de cada um ouvir na sua própria língua?”

“Como é que este acontecimento mostra o carácter transcultural de Deus?”

Objetivo: Quebrar o gelo e introduzir a ideia de que o Evangelho é universal, mas incarnado em Culturas diversas.

3. Trabalho em grupos (35-40 min)

Dividir o grupo em quatro subgrupos e dar um texto bíblico diferente a cada um para explorar.

- Grupo A – Rute e Noemi (Rute 1-4)

Amor, lealdade e fé que atravessam fronteiras culturais.



Perguntas:

“O que une estas duas mulheres de povos diferentes?”

“Que papel teve a hospitalidade e o acolhimento?”

“Onde vemos Deus a agir nesta relação?”

- Grupo B – José no Egito (Gênesis 41:37-57)

Deus usa um estrangeiro para salvar povos.

Perguntas:

“Como é que José manteve a sua fé numa Cultura diferente?”

“Que bênção trouxe ele àquela nação estrangeira?”

- Grupo C – Jesus e a mulher samaritana (João 4:1-30)

Deus a dialogar através das diferenças.

Perguntas:

“Que barreiras culturais havia entre eles?”

“Como as ultrapassou Jesus?”

“O que aprendemos sobre evangelizar sem impor?”

- Grupo D – Pedro e Cornélio (Atos 10)

Deus a abrir as portas a todas as nações.

Perguntas:

“O que mudou na mentalidade de Pedro?”

“O que nos diz isto sobre a Igreja e a inclusão?”

Cada grupo deve:

- Ler o texto.
- Identificar elementos culturais e formas de agir de Deus.
- Preparar uma partilha de três minutos com o que descobriu.

4. Partilha em plenário (20 min)

Cada grupo apresenta o que encontrou.

Enquanto isso, o Facilitador pode anotar num quadro ou numa cartolina palavras-chave que se repetem:

- Acolhimento, fé, diálogo, humildade, bênção, cruzar fronteiras, reconciliação...

Depois, fazer uma pergunta geral:

“O que nos ensinam estas histórias sobre como Deus continua a agir hoje, nas nossas diferenças culturais?”

5. Atividade simbólica (10 min)

Distribuir retalhos de tecido colorido (um por pessoa).

Pedir que cada um escreva nele uma palavra ou um pequeno símbolo que represente:

“Como vejo Deus a agir na minha Cultura ou na minha Comunidade?”

No final, unem-se os tecidos num painel comum (colando ou atando com cordel).

- Fica um símbolo bonito da unidade na diversidade.

6. Encerramento (10 min)

Leitura final: Apocalipse 7:9 e 10 – “Uma grande multidão de todas as nações, tribos, povos e línguas...”

Fazer uma oração de agradecimento, pedindo a Deus que nos ajude a acolhermos e a aprendermos com outras Culturas.

Se quiserem, podem terminar com um cântico de outra tradição cristã ou noutra língua (por ex.: “Santo, Santo, Santo” em espanhol, em inglês, ou uma melodia africana simples).

Materiais sugeridos:

- Bíblias
- Cartolinas e marcadores
- Tecido colorido (ou papéis coloridos, se for mais simples)
- Cola ou fita-adesiva
- Música ambiente
- Um pequeno quadro ou *flipchart*



ANEXOS

WORKSHOP 2

“Panorama Cultural da UPASD: Quem somos, de onde vimos e como crescemos juntos”

Duração: 1h15-1h30

Público-alvo: Líderes de Igreja, membros ativos em Departamentos, jovens interessados em missão multicultural

Objetivos

- Conhecer as principais nacionalidades representadas na UPASD em Portugal.
- Reconhecer costumes e tradições que marcam a vida das diferentes Comunidades.
- Identificar os desafios e as oportunidades que a multiculturalidade traz às igrejas locais.
- Motivar os membros a verem a diversidade como bênção e não como obstáculo.

Estrutura do *Workshop*

1. Introdução (10 min)

- **Dinâmica inicial:** Perguntar: “Quantas nacionalidades acham que existem representadas na UPASD, em Portugal?” (Escrevem palpites num quadro.)
- Revelar os dados reais – surpreender e valorizar a riqueza.
- Enfatizar: “*Somos uma Igreja pequena em número, mas muito grande em diversidade.*”

2. Apresentação de Dados (15-20 min)

- Preparar gráficos simples (*pizza* ou barras) com as **principais nacionalidades** representadas na UPASD (exs.: Portugal, Cabo Verde, Brasil, Angola, Moçambique, São Tomé, Guiné-Bissau, outros países da Europa e da América do Sul).
- Mostrar números aproximados de membros por Comunidade (Ver exemplos nas pp. 49 e 50).

- Realçar que a presença destas Comunidades não é só estatística – é vida, Cultura, música, comida, formas de expressar a fé.

3. Costumes e Tradições (15-20 min)

- Selecionar três a quatro Comunidades para apresentar exemplos de:
 - **Cânticos típicos** (exs.: Morna cabo-verdiana, corais africanos, hinos brasileiros).
 - **Tradições familiares** (hospitalidade, convívio em volta da refeição, importância dos mais velhos).
 - **Expressões de fé** (oração mais efusiva, cânticos de louvor alegres, uso de instrumentos diferentes).
- Se possível, convidar um ou dois irmãos de cada Comunidade para dar **um testemunho curto**: *“Na minha Cultura, algo que é muito importante é...”*

4. Desafios (15 min)

- Questões práticas:
 - Língua (alguns irmãos mais confortáveis com crioulo, português do Brasil, inglês ou francês).
 - Estilos de culto e de música (mais formais vs. mais expressivos).
 - Dificuldade de integração dos filhos que crescem entre Culturas.
- Debate aberto: **“Quais destes desafios já sentimos na nossa igreja local? Como temos lidado com eles?”**

5. Aplicação e Esperança (15 min)

- Transformar desafios em oportunidades:
 - Criar cultos ou programas onde cada Comunidade possa contribuir.
 - Organizar **dias multiculturais** (Música, Gastronomia, testemunhos).
 - Promover pequenos grupos de apoio a recém-chegados.



- Incluir vozes de diferentes Culturas no Conselho de Igreja.
- Conclusão espiritual:
 - Ler Apocalipse 7:9 – “uma grande multidão, de todas as nações, tribos, povos e línguas”.
 - Oração conjunta, pedindo a Deus que a UPASD seja um reflexo desta visão.

Materiais sugeridos

- Gráficos com dados de nacionalidades (fáceis de projetar ou imprimir).
- Fotos representativas (igrejas multiculturais, cultos especiais, festas de convívio).
- Cartões para o debate com perguntas:
 - “Qual foi a maior riqueza que a multiculturalidade trouxe à nossa igreja?”
 - “Qual foi o maior desafio?”
 - “Que pequeno gesto poderíamos começar já para integrar melhor todos?”



Workshop – Roteiro para o Facilitador

“Panorama Cultural da UPASD: Quem somos, de onde vimos e como crescemos juntos”

1. Introdução (10 min)

Facilitador:

- Bem-vindos a este *workshop*. Hoje vamos olhar para a riqueza que temos na nossa Igreja: A multiculturalidade. Muitas vezes, falamos dela como um desafio, mas, na verdade, é uma grande bênção.
- Quero começar com uma pergunta: “Quantas nacionalidades acham que existem representadas na UPASD, em Portugal?” Escrevam o vosso palpite neste quadro/papel. (*Deixar alguns responderem.*)

- Agora vamos ver os dados reais. Mais do que números, isto mostra-nos como Deus juntou pessoas de diferentes países para sermos uma só família.

2. Apresentação de Dados (15-20 min)

Facilitador:

- Na nossa Igreja, temos irmãos de Portugal, Cabo Verde, Brasil, Angola, Moçambique, São Tomé, Guiné-Bissau, e também de outros países da Europa e da América do Sul. (*Mostrar gráficos ou imagens.*)
- Cada um traz consigo uma bagagem cultural: A forma de cantar, de orar, de viver a fé. Isto não é apenas diversidade; é riqueza espiritual!

3. Costumes e Tradições (15-20 min)

Facilitador:

- Vamos conhecer melhor algumas destas Culturas.
- Por exemplo: Em Cabo Verde, a Música é uma forma forte de testemunho; no Brasil, os hinos e os cânticos fazem parte de cada encontro; em Angola ou em Moçambique, a hospitalidade e a família são centrais.
- (*Se possível, convidar um ou dois irmãos para partilhar brevemente: “Na minha Cultura, algo muito importante é...”*)
- Percebemos que, apesar das diferenças, em todos os lugares, Deus está a agir e a chamar pessoas para o Seu povo.

4. Desafios (15 min)

Facilitador:

- Nem sempre é fácil viver a diversidade. Há desafios que todos sentimos.
- Alguns irmãos trabalham por turnos e não conseguem estar nos mesmos horários. Outros sentem dificuldades com a língua. Também há diferentes estilos de culto e de música, que podem gerar opiniões diferentes.
- Vamos refletir em grupo: “Qual tem sido o maior desafio da multiculturalidade na nossa igreja local? E qual tem sido a



maior bênção?" (*Dar cinco a sete minutos para partilha. Anotar as ideias.*)

Alguns Exemplos de Desafios:

1. Língua e comunicação

- Alguns membros não se sentem à-vontade com o português de Portugal (ex.: Falam mais facilmente crioulo, português do Brasil, francês ou inglês).
- Diferenças de expressões ou sotaques que podem causar mal-entendidos.
- Sermões, reuniões ou documentos sem tradução/adaptação dificultam a integração.

2. Estilos de culto e de música

- Uns preferem um culto mais formal e tranquilo; outros gostam de música mais animada, com palmas e movimento.
- Diferenças na forma de orar (mais silenciosa vs. mais efusiva).
- Discussões sobre instrumentos musicais e estilos de cântico.

3. Horários e organização

- Irmãos que trabalham por turnos (fábricas, hospitais, transportes) e não conseguem estar nos cultos tradicionais.
- Dificuldade em envolver todos nos ensaios ou nas reuniões.
- Alguns grupos culturais valorizam muito a pontualidade; outros são mais flexíveis com horários – pode gerar frustração.

4. Integração social e pastoral

- Famílias recém-chegadas sem rede de apoio – sentem-se isoladas.
- Jovens de segunda geração (nascidos em Portugal) que vivem entre duas Culturas e não se sentem totalmente parte de nenhuma.
- Diferenças na forma de educar filhos e jovens.

5. Liderança e representatividade

- Conselhos de Igreja dominados por uma só Cultura, sem ouvir as outras.

- Dificuldade em dar espaço a irmãos que, apesar de terem dons, não se oferecem por receio da língua ou de não serem aceites.
- Decisões tomadas sem considerar realidades específicas (ex.: Atividades marcadas em datas que coincidem com feriados importantes para outra Comunidade).

Nota para o Facilitador

- Estes exemplos não devem ser usados para criticar a igreja, mas como ponto de partida para diálogo.
- Perguntas que ajudam:
 - “Qual destes desafios já vivemos na nossa igreja?”
 - “Que soluções simples podemos começar a implementar?”
 - “Que bênçãos já nasceram da nossa diversidade?”

5. Aplicação e Esperança (15 min)

Facilitador:

- Os desafios não são para nos dividir, mas para nos fazer crescer. A diversidade pode tornar os nossos programas mais ricos, mais completos, mais missionários.
- Podemos criar programas especiais, onde cada Comunidade participa; podemos cantar em várias línguas; podemos organizar convívios com comidas típicas; e podemos apoiar os irmãos que chegam a Portugal.
- A Bíblia dá-nos a visão do Céu em Apocalipse 7:9: *“Uma grande multidão, de todas as nações, tribos, povos e línguas”*. Esta visão já começa aqui, entre nós.

Bênçãos concretas da multiculturalidade nas igrejas locais

1. Música e adoração mais ricas

- Cânticos em diferentes estilos e ritmos (hinos tradicionais, cânticos africanos com batida, corais brasileiros, louvor contemporâneo).
- Possibilidade de incluir várias línguas no louvor, tornando o culto mais próximo do Céu (Apocalipse 7:9).



2. Testemunhos inspiradores

- Histórias de fé vividas em diferentes países mostram como Deus atua em todo o mundo.
- Experiências de superação na adaptação a Portugal fortalecem a fé da Comunidade.

3. Maior criatividade na missão

- Pequenos grupos que usam a Cultura como ponte missionária (comida típica, música, hospitalidade).
- Facilidade em alcançar Imigrantes ou turistas, porque já existem membros da mesma nacionalidade.

4. Comunidade acolhedora e calorosa

- A hospitalidade é muito forte em várias Culturas representadas: Convívios, refeições partilhadas, ajuda prática.
- Novos membros sentem-se mais rapidamente integrados quando há um ambiente familiar e aberto.

5. Formação espiritual dos jovens

- Crianças e adolescentes crescem num ambiente que os prepara para viver e trabalhar em contextos diversos.
- Aprendem desde cedo a valorizar a diferença como riqueza, não como barreira.

6. Reflexo do Reino de Deus

- A diversidade cultural é já um vislumbre do Céu, onde todas as nações estarão reunidas diante do trono de Deus (Apocalipse 7:9).
- Cada língua, cada costume e cada gesto tornam-se parte do testemunho da igreja.

Nota para o Facilitador

- Depois de apresentar os desafios, mostrar estas bênçãos ajuda a equilibrar a perceção: **Não estamos apenas a gerir dificuldades, mas a viver oportunidades de crescimento espiritual e missionário.**

Perguntas úteis:

- “Qual destas bênçãos já sentimos fortemente na nossa igreja?”
- “Que bênção ainda podemos desenvolver melhor?”

Quadro comparativo

Multiculturalidade nas Igrejas Locais: Desafios & Bênçãos

Desafios

Diferenças de língua e sotaque dificultam comunicação.

Estilos de culto distintos (formal vs. expressivo) podem gerar tensões.

Horários de trabalho (turnos, noites) dificultam a participação.

Jovens de segunda geração vivem entre duas Culturas e podem sentir-se divididos.

Liderança pouco representativa – algumas vozes não são ouvidas.

Diferenças na forma de educar, conviver e organizar atividades.

Necessidade de adaptação pastoral e integração de recém-chegados.

Bênçãos

Várias línguas no culto enriquecem a adoração e refletem Apocalipse 7:9.

Diversidade musical: Corais, cânticos africanos, louvor brasileiro – adoração mais rica.

Flexibilidade gera novas oportunidades para pequenos grupos e cultos alternativos.

Crescem preparados para viver em contextos diversos, com identidade cristã forte.

Mais Culturas na liderança – decisões mais sensíveis, inclusão real e novas ideias.

Hospitalidade e partilha – convívios ricos, ambiente familiar, Comunidade acolhedora.

Testemunhos de fé de vários países inspiram e fortalecem toda a igreja.

Como usar no *workshop*

- Projetar o quadro e perguntar: “Qual destes pontos já sentimos na nossa igreja? Que bênção nasceu de um desafio?”
- Distribuir em papel para grupos pequenos discutirem e, depois, partilharem no Plenário.
- Concluir, reforçando: **A multiculturalidade não é um problema a resolver, mas uma oportunidade a viver!**

Atividade prática – “Do desafio à bênção”



Objetivo

Ajudar os participantes a reconhecerem que **cada desafio da multiculturalidade pode ser transformado em oportunidade de bênção** para a igreja.

Passos

1. Divisão em pequenos grupos (4-6 pessoas).

- Cada grupo recebe uma cópia do **quadro comparativo** (ou uma parte dele).

2. Escolher um desafio.

- O grupo escolhe **um desafio** que já viveu ou que reconhece na sua igreja local.

3. Refletir juntos (10 min).

- “Como é que este desafio tem sido sentido na prática?”
- “Que impacto teve na vida da igreja?”
- “De que forma este mesmo desafio pode ser transformado em **bênção**?”

4. Escrever uma frase curta.

- No papel/cartaz, o grupo escreve uma frase assim:
“O desafio _____ pode tornar-se numa bênção, quando _____” (Exemplo: “O desafio da diferença de estilos de culto pode tornar-se numa bênção, quando todos partilham os seus cânticos e aprendem uns com os outros.”)

5. Partilha em Plenário (15-20 min).

- Cada grupo lê a sua frase.
- O Facilitador pode juntar as frases num mural ou projetar numa tela – mostrando o **mapa de soluções criadas pela própria igreja**.

Encerramento da Atividade

Facilitador:

Percebemos hoje que os desafios não são barreiras, mas pontos de partida. Quando os entregamos a Deus e trabalhamos juntos, a diversidade transforma-se em riqueza espiritual e missionária para a igreja.

Facilitador encerra com oração:

- “Senhor, obrigado porque nos chamas de diferentes países para sermos uma só família em Cristo. Dá-nos sabedoria para valorizarmos a diversidade e coragem para transformarmos a multiculturalidade em bênção e em missão. Amém.”

Modelo de Cartaz/Mural**Título (em letras grandes, no topo):****“Do desafio à bênção”***(Pequenos gestos, grandes milagres na multiculturalidade)***Estrutura do cartaz:****Coluna da esquerda: Desafios que vivemos** (Espaço em branco para colar *post-its* com os desafios escolhidos.)**Coluna da direita: Bênçãos que podemos experimentar** (Espaço em branco para colar as frases que os grupos escreveram.)**Rodapé (em destaque):***“Já não há judeu nem grego... porque todos sois um em Cristo Jesus” (Gálatas 3:28).*

Sugestão prática:

- Imprimir o cartaz em tamanho A3 ou A2.
- Dar a cada grupo ***post-its* de duas cores** (ex.: Vermelho para desafios, verde para bênçãos).
- No final, o mural ficará visual e colorido – mostrando como a igreja transformou desafios em oportunidades.



WORKSHOP 2

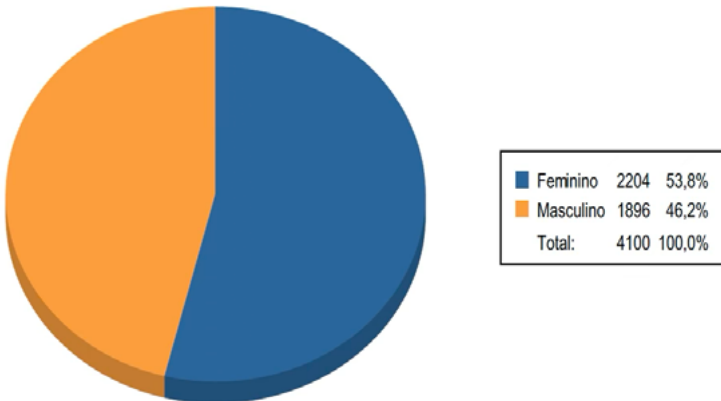
“Panorama Cultural da UPASD: Quem somos, de onde vivimos e como crescemos juntos”

1. Introdução:

- Dinâmica inicial: Perguntar: “Quantas nacionalidades acham que existem representadas na UPASD, em Portugal?”

2. Apresentação de Dados

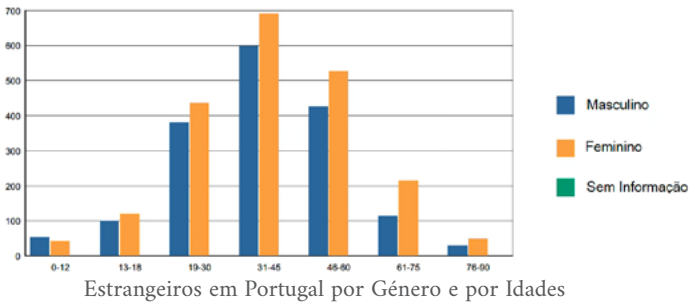
Descrição	Valor
Feminino	2 204
Masculino	1 896
	4.100



Estrangeiros em Portugal por Género

Idade	Masculino	Feminino	Sem dados	Total
0-12	54	42	0	96
13-18	100	120	0	220
19-30	381	436	0	817
31-45	598	692	0	1.290
46-60	427	526	0	953
61-75	113	214	0	327
76-90	29	50	0	79
	1.702	2.080	0	3.782

Sem Informação: 0



3. Costumes e Tradições

- Selecionar três a quatro Comunidades para apresentar exemplos de:
 - Cânticos típicos
 - Tradições familiares
 - Expressões de fé
- Um ou dois irmãos de cada Comunidade para dar um testemunho curto:
 - “Na minha Cultura, algo que é muito importante é...”

4. Desafios

- **Questões práticas:**
 - Língua (alguns irmãos mais confortáveis com crioulo, português do Brasil, inglês ou francês).
 - Estilos de culto e de música (mais formais vs. mais expressivos).
 - Dificuldade de integração dos filhos, que crescem entre Culturas.

Debate aberto: “Quais destes desafios já sentimos na nossa igreja local? Como temos lidado com eles?”

5. Aplicação e Esperança

- **Transformar desafios em oportunidades:**
 - Criar cultos ou programas onde cada Comunidade possa contribuir.
 - Organizar dias multiculturais (Música, Gastronomia, testemunhos).
 - Promover pequenos grupos de apoio a recém-chegados.
 - Incluir vozes de diferentes Culturas nos Conselhos de Igreja.



ANEXOS

WORKSHOP 3

Choque Cultural e Hospitalidade Cristã: Como acolher e integrar o outro sem imposição cultural

Duração: 1h15-1h30

Público-alvo: Pastores, Anciãos, líderes de Departamentos, membros interessados em hospitalidade

Objetivos

- Reconhecer o que é o **choque cultural** e como este afeta a integração nas igrejas.
- Aprender a distinguir entre **Evangelho** e **tradições culturais** (o que é essencial e o que é secundário).
- Desenvolver práticas de **hospitalidade cristã** que acolham o outro sem impor um molde cultural.
- Capacitar líderes e membros para transformarem a diversidade em bênção pastoral e missionária.

Estrutura do *Workshop*

1. Acolhimento e Introdução (10 min)

- **Dinâmica inicial:**
Perguntar: “Quem aqui já se sentiu ‘estrangeiro’ em algum lugar – mesmo dentro do próprio país?”
- Breve partilha de dois ou três participantes.
- Facilitador introduz: “O choque cultural não acontece só quando viajamos para outro país. Acontece também na Igreja, quando as nossas formas de cantar, de orar ou de conviver não são iguais. Hoje, vamos descobrir como a hospitalidade cristã pode transformar esse choque em bênção.”

2. Mini-ensino: O que é “Choque Cultural”? (10 min)

- Definição simples: “*Choque cultural*” é o desconforto que sentimos quando estamos num ambiente com costumes, linguagem ou valores diferentes dos nossos.

- Exemplos práticos dentro da igreja:
 - Estilo de música ou de culto diferente do habitual.
 - Alguém que não entende certas expressões ou piadas locais.
 - Expectativas diferentes quanto a horários, disciplina, organização.
- Ligar à Bíblia: Israel chamado a acolher o estrangeiro (Levítico 19:34; Hebreus 13:2).

3. Estudo Bíblico em Grupos (20 min)

Dividir em pequenos grupos para analisar passagens sobre acolhimento transcultural:

- **Atos 10 – Cornélio e Pedro** → Deus ensina Pedro a não impor tradições judaicas.
- **Rute 1-4** → Uma estrangeira acolhida, que se torna bênção para Israel.
- **Lucas 10:25-37 – Bom Samaritano** → A hospitalidade vem de quem menos se espera.

Perguntas para refletir:

1. “Que barreiras culturais existiam nesta história?”
2. “Como foram ultrapassadas?”
3. “O que aprendemos para a nossa igreja, hoje?”

4. Exercício Prático: “Entre a Cultura e o Evangelho” (20 min)

- Cada grupo recebe cartões com situações práticas (ex.: *Um irmão que quer cantar cânticos africanos no culto; um recém-chegado que prefere orar de forma diferente; uma família que chega sempre atrasada por questões de hábito*).
- A tarefa é discutir:
 - **O que pertence ao Evangelho (não negociável) e o que é apenas tradição cultural (flexível)?**
- Depois, partilhar em Plenário.

5. Plano de Hospitalidade Cristã (20 min)

- Em grupos, pensar em **dois ou três gestos concretos** para a igreja praticar hospitalidade sem impor Cultura.



- Exemplos possíveis:
 - Criação de equipas de acolhimento multiculturais.
 - Culto de acolhimento com músicas e orações em diferentes línguas.
 - Pequenos grupos em casas, com partilha de comidas típicas.
 - Formação para líderes sobre comunicação intercultural.
- Colar num mural com o título: **“Transformar choque em bênção.”**

6. Conclusão Espiritual (10 min)

- Leitura de Romanos 15:7 → *“Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu, para glória de Deus”.*
- Oração conjunta, pedindo que cada igreja local seja um lugar de hospitalidade genuína.

Materiais sugeridos

- Cartões com situações práticas (choque cultural vs. tradição cultural).
- Mural para colar os planos de hospitalidade.
- Versos bíblicos impressos em cartões para cada grupo.



Cartões de Situações Choque Cultural na Igreja

Música e culto

1. Um irmão recém-chegado de Angola pede para cantar no culto um cântico animado com palmas e batuque, mas alguns membros preferem música mais calma.
2. Uma irmã brasileira gosta de orar em voz alta e com entusiasmo, mas outros acham isso “exagerado”.
3. Um grupo de jovens cabo-verdianos quer apresentar um cântico em crioulo, mas o Ancião teme que a igreja não entenda.

Organização e horários

4. Uma família moçambicana chega sempre 20 minutos atrasada ao culto, porque esse é o costume no seu país. Alguns membros da igreja ficam incomodados.
5. O culto termina mais tarde quando os irmãos partilham testemunhos longos. Alguns Portugueses reclamam que devia ser “mais organizado”.

Convívio e refeições

6. Num almoço de igreja, irmãos guineenses trazem pratos típicos muito condimentados. Algumas crianças recusam comer e os pais comentam.
7. Uma família Adventista recém-chegada não conhece os hábitos de alimentação saudável da igreja local e leva refrigerantes e *fast food* para o convívio.

Práticas espirituais

8. Um jovem Adventista do Brasil chama o dirigente pelo nome de “Pastorzão” e trata-o de forma descontraída, enquanto os membros locais consideram isso uma falta de respeito.
9. Uma irmã recém-convertida, de origem Católica, continua a fazer o sinal da cruz quando ora, e alguns membros criticam.

Comunidade e participação

10. Numa reunião de Comissão de Nomeações, não há nenhum representante da comunidade africana, apesar de esta Comunidade constituir metade da igreja.
11. Um grupo de irmãos só fala crioulo entre si no átrio da igreja, e alguns Portugueses dizem sentir-se excluídos.
12. Um jovem imigrante sente-se envergonhado de participar porque não sabe ler bem português.

Instruções para o exercício

- Cada grupo recebe dois a três cartões.
- Debatem:
 1. “O que pertence ao Evangelho (essencial, não negociável)?”
 2. “O que é somente tradição cultural (onde podemos ser flexíveis)?”



3. “Como aplicar hospitalidade cristã neste caso?”

- Depois, partilham a conclusão em Plenário.



Guião do Facilitador

Exercício: “Entre a Cultura e o Evangelho”

Objetivo do exercício

- Ajudar os participantes a distinguirem entre o que é **essencial ao Evangelho** e o que é apenas **expressão cultural**.
- Desenvolver sensibilidade para acolher pessoas de diferentes Culturas sem impor um molde cultural único.

Tempo sugerido: 20-25 minutos

Passo a passo

1. Introdução (2-3 min)

Facilitador diz:

Na igreja, muitas vezes confundimos tradição cultural com Evangelho. O Evangelho é imutável: Cristo, a salvação, a verdade da Palavra. Mas a forma como cantamos, oramos ou convivemos pode variar de Cultura para Cultura.

Hoje, vamos praticar como distinguir uma coisa da outra. Vamos ver situações reais de choque cultural que acontecem nas igrejas, e pensar juntos: “O que é essencial e o que é flexível?”

2. Distribuição dos cartões (2 min)

- Entregar **dois a três cartões por grupo** (ou projetar os *slides* correspondentes).
- Cada grupo lê as situações e escolhe como vai responder.

3. Debate em grupos (10 min)

Definição simples de choque cultural

Choque cultural é o sentimento de estranheza, de desconforto ou até de rejeição que sentimos quando entramos em contacto com costumes, valores, línguas ou comportamentos diferentes dos nossos.

Pode gerar:

- Surpresa (“Nunca vi isto assim.”).
- Desconforto (“Não me sinto à-vontade...”).
- Conflito (“Não devia ser feito desta maneira!”).

Na prática da igreja

- Acontece quando irmãos de diferentes países têm formas distintas de **cantar, orar, cumprimentar, cozinhar, usar o tempo** ou até **exercer liderança**.
- Muitas vezes, não tem a ver com certo ou errado, mas apenas com diferenças culturais.

Perspetiva bíblica

- O povo de Israel também viveu choques culturais: No Egito, no Exílio, ou no contacto com estrangeiros.
- No Novo Testamento, Pedro e Paulo enfrentaram choques culturais ao incluir os Gentios na Igreja (Atos 10; Gálatas 2).
- A resposta divina é clara: O Evangelho é maior do que as barreiras culturais → *“Acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu”* (Romanos 15:7).

Orientações no ecrã ou em folha

Para cada situação, respondam em conjunto:

1. **“Qual é o choque cultural?”**
2. **“O que pertence ao Evangelho (não negociável)?”**
3. **“O que é somente tradição cultural (pode ser flexível)?”**
4. **“Como é que a hospitalidade cristã pode transformar este choque em bênção?”**

4. Partilha em Plenário (10 min)

- Cada grupo apresenta **uma situação** e as suas conclusões.
- O Facilitador pode reforçar:
 - Onde houve boa identificação do essencial (ex.: Respeito, amor, fé).
 - Onde pode haver mais abertura cultural.



- Exemplos práticos de hospitalidade (incluir todos nos cânticos, traduzir quando possível, valorizar as diferentes expressões).

5. Conclusão Espiritual (2 min)

Facilitador diz: A hospitalidade cristã não é impor o nosso jeito, mas acolher o outro no amor de Cristo.

Como está escrito em Romanos 15:7: *“Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu, para glória de Deus.”*

O nosso desafio é transformar cada choque cultural numa oportunidade de aprender, amar e crescer juntos.



Guia de Respostas – Debate em Grupos

Exercício: “Entre a Cultura e o Evangelho”

Música e culto

Situação 1 – Cântico animado com palmas e batuque

- **Choque cultural:** Estilo musical diferente → Uns preferem calma; outros, mais movimento.
- **Evangelho (não negociável):** Louvar Deus em espírito e em verdade (João 4:24).
- **Tradição cultural (flexível):** Ritmo, instrumentos, palmas.
- **Hospitalidade:** Incluir diferentes estilos no culto → Um equilíbrio que valorize a diversidade.

Situação 2 – Oração entusiasta

- **Choque cultural:** Formas diferentes de orar (silenciosa vs. expressiva).
- **Evangelho:** Oração sincera, feita de coração (Mateus 6:6).
- **Tradição cultural:** Volume, postura e emoção.
- **Hospitalidade:** Ensinar que Deus ouve todas as formas; aceitar diversidade sem julgar.

Situação 3 – Cântico em crioulo

- **Choque cultural:** Língua diferente no louvor → Alguns não entendem.

- **Evangelho:** Toda a língua confessará que Jesus Cristo é Senhor (Filipenses 2:11).
- **Tradição cultural:** Idioma usado.
- **Hospitalidade:** Cantar em várias línguas; explicar ou traduzir refrões; incluir todos.

Organização e horários

Situação 4 – Família chega atrasada

- **Choque cultural:** Conceção diferente de pontualidade.
- **Evangelho:** Culto deve ser ordeiro e reverente (I Coríntios 14:40).
- **Tradição cultural:** Valor dado à pontualidade.
- **Hospitalidade:** Acolher sem julgamento, mas ensinar a importância do horário.

Situação 5 – Culto prolongado com testemunhos

- **Choque cultural:** Uns valorizam partilhas longas; outros preferem organização.
- **Evangelho:** Testemunhos fortalecem a fé (Salmo 71:15).
- **Tradição cultural:** Tempo “certo” para terminar.
- **Hospitalidade:** Orientar tempo com amor, mas valorizar testemunhos.

Convívio e refeições

Situação 6 – Pratos condimentados

- **Choque cultural:** Comida demasiado picante para alguns.
- **Evangelho:** Comunhão e partilha (Atos 2:46).
- **Tradição cultural:** Tipo de temperos.
- **Hospitalidade:** Agradecer e providenciar variedade para todos.

Situação 7 – *Fast food* e refrigerantes

- **Choque cultural:** Diferenças de hábitos alimentares (saudável vs. *fast food*).
- **Evangelho:** O corpo é o templo do Espírito Santo (I Coríntios 6:19).



- **Tradição cultural:** Escolha de alimentos.
- **Hospitalidade:** Acolher com amor; ensinar princípios gradualmente.

Práticas espirituais

Situação 8 – Chamar “Pastorzão”

- **Choque cultural:** Forma descontraída vs. formalidade.
- **Evangelho:** Respeito e amor mútuos (I Tessalonicenses 5:12 e 13).
- **Tradição cultural:** Títulos e formas de tratamento.
- **Hospitalidade:** Ensinar respeito, mas não condenar.

Situação 9 – Sinal da cruz

- **Choque cultural:** Prática associada a outra tradição religiosa.
- **Evangelho:** Oração em nome de Jesus (João 14:13).
- **Tradição cultural:** Gestos externos.
- **Hospitalidade:** Valorizar a fé da nova convertida; ensinar pacientemente.

Comunidade e participação

Situação 10 – Ausência de representantes africanos no Conselho

- **Choque cultural:** Falta de representatividade.
- **Evangelho:** Todos são um em Cristo (Gálatas 3:28).
- **Tradição cultural:** Quem habitualmente é escolhido para liderar.
- **Hospitalidade:** Incluir várias Culturas na liderança.

Situação 11 – Falar só crioulo no átrio

- **Choque cultural:** Exclusão involuntária de quem não entende.
- **Evangelho:** Unidade do corpo de Cristo (João 17:21).
- **Tradição cultural:** Língua usada nas conversas.
- **Hospitalidade:** Incentivar bilinguismo → Português + língua materna.

Situação 12 – Jovem envergonhado porque não sabe ler português

- **Choque cultural:** Dificuldade na participação.
- **Evangelho:** Deus olha para o coração (I Samuel 16:7).
- **Tradição cultural:** Leitura pública em português.
- **Hospitalidade:** Permitir outras formas de participar; oferecer apoio.



ANEXOS

WORKSHOP 4

A Interculturalidade como Ferramenta Missionária

Duração: 1h30

Público-alvo: Líderes de Igreja, Departamentos de Evangelismo e Jovens, Dinamizadores da Escola Sabatina, membros interessados

Objetivos

- Reconhecer que a diversidade cultural é uma **oportunidade missionária**.
- Identificar dons e recursos que diferentes Culturas trazem à missão.
- Refletir sobre como **a Igreja pode comunicar o Evangelho à cultura autóctone** (portuguesa/europeia), sem impor padrões externos.
- Criar estratégias práticas para transformar a interculturalidade em projetos missionários locais.

Estrutura do *Workshop*

1. Acolhimento e Introdução (10 min)

- **Dinâmica inicial:** Cada participante diz uma palavra que descreve algo positivo da sua Cultura.
- Facilitador comenta: “Cada Cultura tem algo que pode ser ponte para o Evangelho. O desafio da Igreja não é apenas evangelizar quem é parecido conosco, mas também compreender e falar a linguagem dos que são diferentes – incluindo os Autóctones, que, muitas vezes, parecem mais distantes da fé.”

2. Mini-ensino bíblico (15 min)

- **Atos 2 (Pentecostes):** Diversidade de línguas como estratégia missionária.
- **I Coríntios 9:22:** Paulo fazia-se “grego com os gregos, judeu com os judeus”.

- **Apocalipse 7:9:** Visão final de todas as Culturas diante de Deus.
- **Conclusão:** O Evangelho é transcultural → Não elimina Culturas, mas atravessa-as e fala através delas.

3. Estudo em grupos: “A nossa igreja como ponte” (20 min)

- Grupos recebem perguntas:
 1. “Que dons específicos traz cada Cultura da nossa igreja para a missão?”
 2. “Como é que a Música, a hospitalidade ou os testemunhos culturais podem abrir portas missionárias?”
 3. “Que experiências já vivemos onde a diversidade foi bênção para evangelizar?”

(Partilhar em Plenário – 10 min.)

4. Momento-extra: E os Autóctones? (15 min)

- Facilitador introduz: “Na Europa, muitas igrejas tornaram-se comunidades de Imigrantes, enquanto os Autóctones parecem ausentes. Porque será? Parte da resposta está na secularização, mas também no facto de a Igreja nem sempre ter falado a sua linguagem.”
- Em grupos pequenos:
 - “Se Paulo estivesse hoje em Portugal, como se faria Português com os Portugueses?”
 - “Que preocupações e valores dos Autóctones podemos usar como ponto de contacto missionário?”
 - Exemplos: Ambiente, saúde mental, voluntariado social, amizade, Cultura e Arte.
- Partilha rápida em Plenário.

5. Exercício prático: “Desenhar uma iniciativa missionária intercultural” (20 min)

- Grupos planeiam uma **mini-iniciativa missionária** que una Imigrantes + Autóctones.



- Exs.: Festival Intercultural de Música; Almoço Internacional Aberto à Comunidade; Semana de Oração com testemunhos multiculturais; projetos sociais em parceria.
- Cada grupo apresenta em dois minutos.

6. Conclusão Espiritual (10 min)

- Leitura de Mateus 28:19: “*Ide e fazei discípulos de todas as nações.*”
- Reflexão: “A nossa missão é para todas as Culturas – As de longe, as de perto e até as que parecem indiferentes. Deus chama-nos a sermos pontes.”
- Oração final.

Materiais

- Cartolinas e marcadores.
- Quadro/mural para recolher ideias.
- Versículos bíblicos impressos.

Exemplos práticos – Como Alcançar a Cultura Autóctone em Portugal

1. Voluntariado social e comunitário

- Abertura de **bancos alimentares** locais em parceria com outras Associações.
- Projetos de apoio a **idosos solitários** (visitas, ajuda prática).
- Participação em **iniciativas municipais de solidariedade** – Mostra que a Igreja é relevante.

2. Saúde e bem-estar

- Programas de **gestão do stresse e saúde mental** (*workshops* com base na fé e na Ciência).
- Caminhadas e **corridas pela saúde** (com mensagens espirituais simples).
- Cursos de **culinária saudável** com degustação e partilha cultural.

3. Cultura e Arte

- **Concertos interculturais** de Música *gospel* e tradicional – Atraem pessoas fora da Igreja.
- **Exposições** de fotografia/pintura com o tema “Esperança”.
- **Clubes de Leitura** ou debates sobre livros com valores espirituais.

4. Ambiente e sustentabilidade

- Campanhas de **limpeza de praias ou parques** como testemunho prático.
- Projetos de **hortas comunitárias** com vizinhos – Partilha de alimentos e de amizade.
- **Workshops de reciclagem** e de consumo consciente.

5. Família e juventude

- Sessões sobre **educação de filhos**, comunicação familiar, relações saudáveis.
- **Apoio a estudantes** universitários (grupos de estudo, espaço de acolhimento).
- **Atividades para crianças** em bairros, com histórias e jogos bíblicos.

6. Espiritualidade relevante

- **Grupos de reflexão** abertos (“Perguntas difíceis sobre a vida e a fé”).
- Programas de **meditação bíblica** em cafés ou espaços culturais.
- **Testemunhos práticos** de vida transformada – Histórias reais, curtas e inspiradoras.

Como usar isto no *workshop*

- O Facilitador pode distribuir esta lista impressa e pedir: “Qual destas ideias faria mais sentido no vosso bairro/na vossa cidade? E que outra ideia acrescentariam para alcançar os Portugueses autóctones?”
- Assim, a Igreja vê que **já tem ferramentas** e só precisa de adaptá-las ao contexto.



Manual do Facilitador

Workshop 4 – A Interculturalidade como Ferramenta Missionária

Objetivo do Facilitador

- Ajudar os participantes a perceberem que a diversidade cultural **não é um obstáculo**, mas uma **ponte missionária**.
- Guiar os grupos a **identificarem recursos culturais** já existentes na igreja e transformá-los em iniciativas missionárias.
- Levar a igreja a refletir também sobre a **cultura autóctone** e como adaptar-se a ela.

Estrutura com notas do Facilitador

1. Acolhimento e Introdução (10 min)

- **O que fazer:** Pedir a cada participante para partilhar uma palavra positiva da sua Cultura (exs.: Hospitalidade, Música, comida, família).
- **O que dizer:** Cada Cultura tem riquezas únicas. O Evangelho não apaga Culturas – usa-as como pontes para chegar a outros. Hoje, vamos refletir em como a nossa diversidade pode ser uma ferramenta missionária.

2. Mini-ensino bíblico (15 min)

• Textos-chave:

- Atos 2 (Pentecostes: Línguas diversas usadas pelo Espírito Santo).
- I Coríntios 9:22 (Paulo fez-se tudo para todos).
- Apocalipse 7:9 (todas as nações diante de Deus).

• Notas para explicar:

- O Evangelho é **transcultural** → Não depende de uma única forma cultural.
- Deus usou a diversidade como estratégia missionária.

- **Pergunta de reflexão:** “Se Deus sempre trabalhou por intermédio de Culturas diferentes, porque não havemos nós de o fazer também?”

3. Estudo em grupos: “A nossa igreja como ponte” (20 min)

- **Distribuir perguntas aos grupos:**
 1. “Que dons específicos traz cada Cultura da nossa igreja para a missão?”
 2. “Como é que a Música, a hospitalidade ou a comida podem ser usadas como ponte missionária?”
 3. “Que testemunhos ou histórias de fé poderiam ser partilhados com vizinhos?”
- **Orientação:** Incentivar respostas práticas e exemplos vividos.
- **Nota para ajudar:** Se o grupo tiver dificuldades, dar exemplos:
 1. “Os Brasileiros têm alegria e música para partilhar.”
 2. “Os Cabo-Verdianos são fortes em hospitalidade.”
 3. “Os Portugueses valorizam tradições familiares e podem ser uma ponte para os Autóctones.”

4. Momento-extra: E os autóctones? (15 min)

- **Introdução a dizer:** Na Europa, muitas igrejas enchem-se de Imigrantes, mas quase não alcançam os Autóctones. Porque será? Parte da resposta é a secularização, mas também porque, muitas vezes, não falamos a sua linguagem cultural.
- **Perguntas aos grupos:**
 - “Se Paulo estivesse hoje em Portugal, como se faria ‘Português com os Portugueses’?”
 - “Quais são as preocupações dos Autóctones (exs.: Solidão, ambiente, saúde mental, justiça social)?”
 - “Como responde o Evangelho a estas necessidades?”
- **Nota para ajudar:** Se os grupos ficarem bloqueados, partilhar exemplos práticos → Voluntariado social, debates culturais, apoio a idosos, projetos ambientais.



5. Exercício prático: “Desenhar uma iniciativa missionária intercultural” (20 min)

- **Orientação:** Cada grupo desenha um mini-projeto missionário para unir Imigrantes + Autóctones.
- **Exemplos para inspirar:**
 - Festival intercultural de música e fé.
 - Almoço internacional aberto à Comunidade.
 - Pequenos grupos com partilha de histórias de fé de diferentes países.
- **O que dizer:** Não precisamos de grandes projetos para começar. Pequenos gestos podem ser grandes milagres, se abrirem portas para Cristo.

6. Conclusão Espiritual (10 min)

- **Leitura bíblica:** Mateus 28:19 (*Ide e fazei discípulos de todas as nações*).
- **Resumo a dizer:** A missão é para todas as Culturas – as de perto e as de longe. Deus quer que a nossa Igreja seja ponte, e não barreira.
- **Oração:** Pedir que alguém de uma Cultura diferente ore em voz alta → Gesto simbólico de unidade.

Sugestões práticas para o Facilitador

- Usar **mapas culturais:** Pedir que os participantes marquem num mapa-mundo os países representados na igreja.
- Valorizar as partilhas → Nunca criticar exemplos culturais, mas apontar para Cristo.
- Preparar cartolinas ou *post-its* para recolher ideias → No fim, expor como mural da igreja: “A nossa missão intercultural começa aqui!”

Ficha de Trabalho – Grupos
Workshop 4 – A Interculturalidade
como Ferramenta Missionária

1. A nossa igreja como ponte

Perguntas para refletir em grupo:

1. “Que dons e valores específicos traz cada Cultura da nossa igreja para a missão?” (Exs.: *Música, hospitalidade, alegria, disciplina, respeito, tradição familiar...*)

2. “Como podemos usar a **Música**, a **hospitalidade** e a **comida** como ferramentas missionárias para alcançar vizinhos e amigos?”

3. “Que testemunhos de fé (histórias reais) poderíamos partilhar com pessoas da Comunidade?”



2. E os Autóctones?

Perguntas para refletir:

1. “Se Paulo estivesse hoje em Portugal, como se faria ‘Português com os Portugueses?’”

2. “Quais são as principais preocupações dos Autóctones na nossa Sociedade?”

- Solidão
- Saúde mental
- Justiça social
- Meio ambiente
- Outros: _____

3. “Como pode o Evangelho responder a estas preocupações?”

3. Desenhar uma iniciativa missionária intercultural

Desafio do grupo: Criem juntos uma ideia prática para a igreja local unir **Imigrantes + Autóctones** na missão.

- Nome da iniciativa: _____
- O que vamos fazer: _____
- Quem vamos convidar: _____
- Que impacto esperamos: _____

No final, cada grupo apresenta a sua proposta em **dois minutos**.

A Interculturalidade como Ferramenta Missionária

1. Acolhimento e Introdução

Dinâmica inicial: Cada participante diz uma palavra que descreve algo positivo da sua Cultura.

2. Mini-ensino bíblico

- Atos 2 (Pentecostes): Diversidade de línguas como estratégia missionária.
- I Coríntios 9:22: Paulo fazia-se “grego com os gregos, judeu com os judeus”.
- Apocalipse 7:9: Visão final de todas as Culturas diante de Deus.

Conclusão: O Evangelho é transcultural. Não elimina Culturas, mas atravessa-as e fala através delas.

3. Estudo em grupos: “A nossa igreja como ponte”

1. Que dons específicos traz cada Cultura da nossa igreja para a missão?
2. Como é que a Música, a hospitalidade ou os testemunhos culturais podem abrir portas missionárias?
3. Que experiências já vivemos onde a diversidade foi bênção para evangelizar? (Partilhar em Plenário – 10 min.)

4. Momento-extra: E os autóctones?

Em grupos pequenos:

- “Se Paulo estivesse hoje em Portugal, como se faria Português com os Portugueses?”
- “Que preocupações e valores dos Autóctones podemos usar como ponto de contacto missionário?”
 - Exemplos: Ambiente, saúde mental, voluntariado social, amizade, Cultura e Arte.

Partilha rápida em Plenário.



5. Exercício prático: “Desenhar uma iniciativa missionária intercultural”

Grupos planeiam uma mini-iniciativa missionária que una Imigrantes + Autóctones.

Exs.: Festival Intercultural de Música; Almoço Internacional Aberto à Comunidade; Semana de Oração com testemunhos multiculturais; projetos sociais em parceria.

Cada grupo apresenta em dois minutos.

6. Conclusão Espiritual

Leitura de Mateus 28:19: “Ide e fazei discípulos de todas as nações.”



MODELOS-TIPO DE LITURGIA

Culto de Sábado de manhã

MODELO PRESENCIAL/TRANSMISSÃO ONLINE

Muitas igrejas a nível nacional enfrentam o desafio de encontrar um equilíbrio entre a adoração presencial e a transmissão em *streaming*. Este modelo litúrgico procura conciliar estas duas dimensões e garantir que tanto os irmãos na igreja como os que assistem à transmissão se sentem parte da adoração e do culto.

- **Abertura de emissão e boas-vindas do ministro de louvor**
- **Hino congregacional, com letras para a emissão**
- **Momento dos dízimos e das ofertas – fundo musical e código QR para a emissão**
- **Leitura bíblica**
- **Pregação**
- **Apelo musical no final da mensagem**
- **Hino final e fecho da emissão pelo ministro de louvor**



Culto de Sábado de manhã

MODELO MAIS TRADICIONAL

Esta proposta litúrgica obedece a um modelo de adoração mais tradicional na nossa Cultura.

- **Hino de Doxologia com entrada da Tribuna**
- **Oração do Pregador**
- **Hino congregacional**
- **Momento dos dízimos e das ofertas, com fundo instrumental e oração pela recolha**
- **Momento musical especial**
- **Pregação**
- **Hino congregacional**
- **Bênção final pelo Pregador e saída da Tribuna**



Culto de Sábado de manhã
MODELO MAIS FLEXÍVEL

Tendo em conta a crescente multiculturalidade da Igreja em Portugal, podem ser explorados modelos de adoração mais flexíveis, que integrem elementos não tão tradicionais nas Liturgias-tipo da maioria das nossas igrejas.

- **Roteiro de louvor intencional** – Alternando leituras bíblicas com momentos de louvor congregacional. (Incluir hinos de diferentes culturas musicais e de adoração, tais como: Portugueses, brasileiros, africanos, infantis, JA, etc.)
- **Momento de testemunho** – Incluir membros de diferentes Culturas, idades, experiências
- **Momento dos dízimos e das ofertas**
- **Pregação**
- **Apelo musical**
- **Hino congregacional final**



Reunião de Jovens
MODELO DE SEMANA DE ORAÇÃO

Este modelo procura criar um conceito de reunião com que os jovens das igrejas se identifiquem, não só na essência como também na forma.

- **Abertura com um *jingle* identitário da Semana** – Tocado ao vivo (se possível)
- **Apresentação** (com uma dupla de apresentadores, com dinâmicas de quebra-gelo)
- **Roteiro de louvor jovem**
- **Momentos de oração espontâneos**
- **Mensagem** (curta e adaptada à realidade dos jovens)
- **Louvor congregacional**
- **Apelo**
- **Encerramento pela dupla de apresentadores**






Reunião Evangelística
MODELO DE CAMPANHA EVANGELÍSTICA

Esta proposta procura oferecer um modelo mais indicado para propósitos evangelísticos, mais preparado para receber e integrar visitas não-Adventistas. Cada momento da reunião deve ter como objetivo e propósito levar a mensagem a quem não a conhece.

- **Abertura** – Criar um genérico que seja a marca da campanha
- **Mini-concerto** – De duas a quatro músicas, com um grupo convidado
- **Pregação** (temas inspiradores, práticos, Cristocêntricos e com apelos à decisão)
- **Apelo musical**

LITURGIA 1 | Culto com Transmissão

GENÉRICO DE ABERTURA		CONCEITO		Quem?
Prelúdio de ADORAÇÃO	(c/ Música fundo)	Uma palavra simples que dá contexto ao tema do culto ou apelo a um tempo de adoração, com um texto bíblico.	1	
Hino de PREPARAÇÃO	SILÊNCIO DENTRO DE MIM (Hinário CÂNTICO NOVO)		2	
Leitura BÍBLICA		Texto introdutório; pode ser uma leitura ligada ao tema geral do culto, um texto genérico de inspiração/ adoração, ou uma leitura temática especial preparada a partir de vários textos.	2	
Hino de INVOCAÇÃO	SANTO SOMENTE É O SENHOR (Hinário ASD)		3	
Oração de INVOCAÇÃO			1	
Saudações e Boas-Vindas	Incluir Igreja <i>online</i>		1	
Vídeo Mordomia		Não precisa de ser anunciado.	1	
Anúncio Oferta + 1º Hino		Cantar o 1º hino de adoração durante o levantamento da oferta permite juntar dois momentos relevantes e ganhar tempo na globalidade do programa. Este hino não precisa de ser escolhido pelo Pregador, mas deve ser preparado pela Equipa de Liturgia e ter foco em áreas como: Louvor, adoração, gratidão.	4	



GENÉRICO ORAÇÃO		MEDIA		
Intro Oração	Breve apresentação dos temas especiais e apelo à intercessão	Esta proposta pretende dar um lugar de maior relevância à oração e à intercessão no programa do culto. Assim, após as ofertas, a ideia é ter mais do que uma pessoa a orar, com orações curtas, mas com temas mais específicos, que permitam também mais participação. Pode ter-se uma criança ou um jovem neste momento. Pode escolher-se um motivo especial cada Sábado para a intercessão, seja alguém que precisa das orações da Igreja, seja um tema local especial ou um tema mais universal.	1	
Oração Silenciosa	Individual		1	
Oração 1	Jovem convidado		1	
Oração 2	Ancião de serviço		1	
GENÉRICO INFANTIL		MEDIA		
Adoração INFANTIL	Saudar Crianças + História		5	
CTA – Estudo da Bíblia		Pequeno vídeo ou apresentação com um apelo aos que queiram estudar a Bíblia. Dar um contacto e um momento definido para o estudo da Bíblia (dia/horário). Pode ser preparado um vídeo que faz este apelo e é lançado na igreja e na emissão.	1	
Hino de PREPARAÇÃO	Música especial ou hino congregacional	Este hino pretende ser um momento de introspecção e de preparação para a mensagem. Pode ser através de um momento especial, cantado a solo, por grupos ou pelo coro de igreja, ou, em alternativa, ser um hino cantado pela Igreja.	4	
Genérico PALAVRA		MEDIA		

PREGAÇÃO			25	
Hino de Resposta			3	
Oração Final			1	
Hino Bênção			1	
Leitura de Bênção			1	
Genérico ABERTURA/FIM		MEDIA	60	

LITURGIA 2 | Culto Tradicional

1. Tempo de ADORAÇÃO

Entrada com Hino Invocação		2
Oração INVOCAÇÃO		1
Boas-Vindas		1
Hino Abertura	Escolhido pelo Pregador ou pela Equipa SM&L	4
Oração Pastoral	De joelhos	2

2. Tempo de GRATIDÃO

Vídeo Mordomia	Vídeo pode ser substituído por leitura bíblica e apelo à generosidade	1
Oferta	Com hino ENTREGO (Hinário CÂNTICO NOVO)	4
Oração Oferta		1

3. Tempo de PREPARAÇÃO

História Infantil		5
Momento Musical Especial		4

4. Tempo de REFLEXÃO

Pregação		30
Hino Final	Escolhido pelo Pregador	3
Oração		1

5. Tempo de BÊNÇÃO

Hino Saída		1
Leitura de Bênção		1



ANEXO

COMO DESENVOLVER UMA CULTURA MUSICAL E DE ADORAÇÃO NA MINHA IGREJA

Compreender o Papel da Música

- O princípio bíblico de MEIO e não FIM.
 - ✓ I Samuel 16:14-17, 23
 - ✓ Neemias 12:27 e 28
 - ✓ Apocalipse 5:5-9
- A Música, no contexto de adoração, não se esgota quando a performance está terminada. Ela cumpre o seu propósito quando contribui para um fim que lhe é superior.
- Desenvolver cultura musical é, por isso, um recurso para que, como Igreja, estejamos mais próximos de chegar onde Deus nos quer levar.
- Quando compreendemos este papel, percebemos que desenvolver verdadeira cultura musical, no sentido bíblico, previne – em vez de promover – a ideia de performance, em que:
 - ✓ a qualidade da interpretação
 - ✓ a dimensão técnica
 - ✓ o virtuosismo dos intérpretessão um fim em si mesmos e a razão essencial para a presença da Música.

Riscos Associados a Uma Visão Performativa do Papel da Música

- **Profissionalização** | Música é para os que são músicos.
- **Elitismo** | Um pequeno grupo de pessoas tem acesso à cultura musical.
- **Idolatrar o intérprete** | Artistas e fãs.

Solução para o Conflito entre Tradição e Modernismo: Missão Impossível?

Outra forma de colocar a questão:

QUE TIPO DE CULTURA MUSICAL DESENVOLVER?

Conceito de LITURGIAS INCLUSIVAS

- Têm em consideração a diversidade do povo que está reunido em adoração: CRIANÇAS + JOVENS + VISITAS + TRADICIONALISTAS + NECESSIDADES ESPIRITUAIS.
- **OBJETIVO:** Criar pontos de referência para o maior número possível destes grupos nas liturgias.
- Procuram dar respostas – práticas, realizáveis, equilibradas, conciliadoras, positivas – à diversidade: Demográfica; espiritual; geracional; de sensibilidades.

SUGESTÕES PRÁTICAS:

- Hinos infantis no culto.
- Hinos clássicos com novas roupagens.
- Hinos modernos com solenidade.
- Utilização ou criação de *medleys*.
- Passar às novas gerações hinos da tradição musical da Igreja ou JA.
- Incluir diversidade de pessoas, especialmente as dos extremos mais opostos em termos de perfil, em funções apropriadas.
- Anunciar sempre os hinos e não assumir que toda a gente conhece a letra ou o número.

O potencial evangelístico da Música

- O valor social e cultural da Música – conceito de “linguagem universal” – cria mais pontes do que barreiras | IMPACTO; LARES.
- Funciona como um embrulho apelativo e agradável para um conteúdo no qual a maioria não está, à partida, interessada.
- O universo cristão – ASD, em particular – tem um potencial musical e artístico muito acima da média, e, por isso, causa impressão positiva, e até surpresa, em quem nos ouve.

IDEIAS:

- Porta-a-porta musical.
- Concertos de Rua.



- Agenda cultural das Câmaras.
- Concertos Solidários.
- Programas musicais temáticos para visitas.
- Intercâmbio com outras Denominações Cristãs.

IDEIAS PRÁTICAS | “COMO CRIAR CULTURA MUSICAL”

1. Promover a existência de cultos musicais ou de louvor | **1 semestre.**
2. Convidar regularmente grupos, coros, músicos, cantores de outras igrejas e a quem reconheçamos valor | **1 trimestre.**
3. Criar oportunidades de aprender música: Instrumentos, canto, formação musical... | **Classe de guitarra; aulas particulares, etc.**
4. Promover a utilização de recursos na área da Música e do louvor, lançados ou disponibilizados pela UPASD, no Brasil, etc.
5. Criar um momento de culto regular onde se possa trabalhar de forma mais intencional e criativa a experiência de louvor | **Pôr-do-Sol sexta; Sábado antes da Escola Sabatina; Reunião de Oração; Culto Jovem.**
6. Partilhar, a nível pessoal ou em redes de comunicação da Igreja, conteúdos musicais ou que promovam literacia musical.
7. Promover pequenas alterações positivas e intencionais nas liturgias tradicionais (Culto Solene), que, sem fazer uma revolução, apontam o caminho.
8. Promover a existência de Coro de Igreja, Grupos Jovens e outras formações musicais, mesmo com poucos recursos.
9. Assegurar a transmissão a novas gerações de músicas de referência da história local, nacional ou mundial.
10. Criar roteiros e guiões para momentos de culto pessoal e familiar e partilhá-los com a igreja.
11. Criar vínculo emocional entre a igreja e os hinos.
 - Contar a história dos hinos ou dos autores.
 - Testemunhos pessoais associados a hinos.

- Dedicar hinos às pessoas em situações especiais (Caso: *Para um irmão tradicionalista, escolher um hino moderno com uma bela melodia e mensagem e dedicar-lho no dia do aniversário, com uma apresentação simples, mas sentida*).
- Fundamentar biblicamente os hinos cantados pela congregação ou a solo.



ACOLHIMENTO E INTEGRAÇÃO

3.1. Introdução

Acolher e integrar é mais do que abrir a porta; é abrir o coração. Nas Escrituras, a hospitalidade não é uma opção; é uma vocação. Desde Abraão, que recebeu três viajantes junto ao carvalho de Manre, até à Igreja Primitiva, que partilhava o pão com simplicidade e com alegria, a fé bíblica sempre se expressou em gestos concretos de acolhimento.

A multiculturalidade da Igreja Adventista em Portugal é uma bênção, mas também um desafio. Acolher bem significa reconhecer que cada pessoa, portuguesa ou estrangeira, é uma história em busca de pertença. A integração é o caminho onde essa pertença se torna comunhão.

“Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo vos acolheu, para glória de Deus” (Romanos 15:7).

3.2. Fundamentos Bíblicos e Teológicos

Deus é o primeiro Acolhedor. Desde o Éden, o Criador recebe o ser humano num Jardim preparado com cuidado e com beleza. Cristo é o Modelo de inclusão. Ele acolhia os marginalizados, os estrangeiros, os publicanos e os Samaritanos. O Espírito Santo cria comunhão. No Pentecostes, a diversidade de línguas não separou; uniu. A Igreja é casa de hospitalidade.

Paulo exorta: “Não vos esqueçais da hospitalidade, porque por ela alguns hospedaram anjos” (Hebreus 13:2).

O acolhimento é, portanto, teologia em prática: Traduz o amor de Deus em relações humanas.

3.3. Dimensão Pastoral

Uma Comunidade que acolhe bem reduz distâncias emocionais e culturais, previne desmotivação e afastamento e torna-se numa família espiritual onde a fé floresce. Acolher é cuidar. Integrar é disciplinar. Ambos são expressões do mesmo Evangelho.

O acolhimento deve ser intencional, estruturado e contínuo, e não apenas espontâneo. O visitante que é bem recebido pode tornar-

-se num discípulo. O crente que não é integrado pode afastar-se silenciosamente.

3.4. Fases do Acolhimento

O acolhimento deve seguir três fases principais:

1. Receção inicial – O primeiro contacto, caloroso e claro.
2. Acompanhamento pastoral – Visitas, convites e inclusão em pequenos grupos.
3. Integração plena – Envolvimento nos Ministérios, responsabilidades e comunhão regular.

Cada igreja pode adaptar este plano conforme o seu tamanho e os seus recursos, mas o princípio é o mesmo: Ninguém deve sentir-se visitante por muito tempo.

3.5. Cultura da Hospitalidade

Mais do que um ministério, o acolhimento deve tornar-se numa cultura que permeia toda a Comunidade. Quando a hospitalidade é vivida como valor espiritual, os Anciãos tornam-se pontes de aproximação; os Departamentos colaboram na integração de novos membros; e os crentes assumem espontaneamente o papel de anfitriões do Reino. Esta cultura deve refletir-se no modo como falamos, ouvimos, recebemos e decidimos.

3.6. Barreiras à Integração

A hospitalidade cristã exige consciência das barreiras que dificultam a integração: Barreiras linguísticas e culturais; barreiras emocionais (preconceito, medo do diferente); barreiras estruturais (falta de equipas, ausência de estratégia); e barreiras espirituais (indiferença ou falta de oração). O primeiro passo para ultrapassar as barreiras é reconhecê-las. O segundo é criar espaços de encontro onde as diferenças se tornem oportunidades de crescimento mútuo.

3.7. Estratégias de Acolhimento

Cada igreja local deve implementar um plano estruturado de receção e de integração pastoral e comunitária, com uma equipa dedicada e formada para o ministério da hospitalidade. O plano deve incluir a criação formal de um Ministério do Acolhimento; a apresentação pública dos visitantes e dos novos membros; a organização de almoços de convívio e de boas-vindas; o acompanhamento durante



os primeiros meses de frequência; e a promoção de uma cultura de hospitalidade em toda a igreja.

3.8. Dez Regras para Acolher Bem

1. Sorrir é ministério: O acolhimento começa antes da palavra.
2. Cumprimentar com atenção: Um aperto de mão e uma saudação pessoal fazem a diferença.
3. Chamar pelo nome: Usar o nome do visitante sempre que possível.
4. Oferecer orientação prática: Acompanhar o visitante e explicar brevemente o culto.
5. Evitar barreiras linguísticas: Providenciar tradução quando necessário.
6. Transmitir segurança e clareza: Explicar o funcionamento da igreja com simplicidade.
7. Escutar mais do que falar: Ouvir as histórias e motivações de quem chega.
8. Convidar para o convívio: Almoços, grupos e eventos fora do templo.
9. Integrar rapidamente: Convidar para colaborar em algo simples.
10. Acompanhar após a primeira visita: Um contacto posterior mostra cuidado genuíno.

“Não vos esqueçais da hospitalidade, porque por ela alguns, não o sabendo, hospedaram anjos” (Hebreus 13:2).

3.9. Recursos e Materiais

Cada igreja deve disponibilizar um *Kit* de Boas-Vindas contendo uma brochura impressa ou um *QR Code* com a apresentação da IASD em Portugal e da UPASD, informações básicas de funcionamento das igrejas locais e contactos úteis (Pastor, Ancião, Secretário). O *Kit* deve incluir ainda uma *Revista Adventista* e uma revista *Sinais dos Tempos*, além de um cartaz com um *QR Code* para se descarregar todos os documentos. A produção e a uniformização destes materiais serão coordenadas pela União Portuguesa, com tradução em espanhol, francês, inglês, alemão, e outras línguas relevantes.

3.10. Limites e Responsabilidade Institucional

O Ministério de Acolhimento nas igrejas locais tem natureza espiritual e pastoral. O seu propósito é receber, orientar e integrar pessoas no contexto da comunidade de fé, oferecendo apoio humano e fraterno, sem interferir em matérias de natureza civil, legal ou administrativa.

Qualquer assistência relacionada com residência, emprego ou documentação deve ser sempre encaminhada para os serviços públicos competentes. As igrejas devem agir com total respeito pela legislação portuguesa e europeia em matéria de imigração, assegurando que todas as suas ações se enquadram dentro da lei e da missão espiritual da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A nossa missão é acolher espiritualmente, apoiar emocionalmente e integrar fraternalmente, manifestando o amor de Cristo por meio da hospitalidade e do cuidado pastoral.

3.11. Acolhimento Multicultural

Uma boa receção valoriza a diversidade como dom de Deus. Disponibilizar recursos espirituais (Bíblia, folhetos, estudos) em várias línguas. Garantir uma equipa multicultural no acolhimento. Promover eventos interculturais, como a Noite Internacional ou o Dia das Nações. Encorajar famílias locais a apadrinharem visitantes estrangeiros. Organizar momentos de oração e de louvor com diversidade de expressão, preservando a identidade Adventista.

Todas as ações de acolhimento devem respeitar as normas legais em vigor e manter o foco na integração espiritual e fraterna, conforme a missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

3.12. Ferramentas Digitais

Criar um *QR Code* nacional de boas-vindas, com ligação à página oficial da União Portuguesa, contendo uma mensagem institucional de acolhimento; um vídeo de apresentação da IASD em Portugal; recursos devocionais em várias línguas; e informação sobre Ministérios e Instituições, como a ADRA, a *Novo Tempo Portugal*, a Educação e o *Vivos em Jesus*. O *QR Code* deve estar afixado em todas as receções e impresso nos *Kits* de Boas-Vindas.

3.13. Papel da UPASD

Compete à União Portuguesa criar e atualizar o modelo nacional de boas-vindas, disponibilizar materiais traduzidos e adaptados,



proporcionar formação em hospitalidade e interculturalidade e assegurar que o acolhimento está alinhado com o *Manual da Igreja* e com as boas práticas da Divisão Inter-Europeia.

3.14. Integração Sustentável

Para que o acolhimento produza frutos duradouros, é necessário garantir comunicação clara e consistente; formação contínua das equipas; liderança inclusiva; espaços de partilha cultural; e espiritualidade comunitária. O acolhimento e a integração devem articular-se com outros Departamentos, como o Ministério Pessoal, a Escola Sabatina, os Ministérios da Criança, a ADRA e a Comunicação.

3.15. Conclusão

O acolhimento é a primeira Liturgia da igreja. Antes do hino, da oração ou do sermão, está o abraço fraterno, o sorriso e a escuta. Integrar é evangelizar com amor. “Fui estrangeiro, e acolhestes-me” (Mateus 25:35).

Que cada igreja Adventista em Portugal seja um lugar onde ninguém chega como estranho, e de onde todos partem como família!



MEMBROS AUSENTES OU DESMOTIVADOS: O MINISTÉRIO DO REGRESSO

Introdução Pastoral e Bíblica

Em todas as gerações, a Igreja tem enfrentado o desafio dos que se afastam – membros que, por diferentes razões, deixam de participar, de se envolver ou de sentir pertença à comunidade de fé. Não se trata apenas de números, mas de pessoas: Vidas preciosas, muitas vezes feridas, cansadas ou desmotivadas.

Jesus falou sobre esta realidade com ternura e propósito: *“Qual de vós, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai atrás da que se perdeu até a encontrar?”* (Lucas 15:4.) O Bom Pastor conhece cada ovelha pelo nome, e o Seu amor não se conforma com a ausência de nenhuma. A missão da Igreja é continuar esse ministério de busca e de reconciliação.

O fenómeno dos membros ausentes é um espelho do tempo em que vivemos – de pressa, isolamento, fragmentação e desafios emocionais e espirituais. Mas é também uma **oportunidade divina** para renovar o cuidado pastoral, fortalecer os laços de comunhão e recuperar o sentido bíblico de pertença.

Este Capítulo pretende ajudar Pastores e líderes locais a compreenderem, diagnosticarem e agirem com intencionalidade espiritual, transformando a ausência em reencontro e a desmotivação em novo compromisso.

Como lembra o profeta Ezequiel: *“Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas e as farei repousar, diz o Senhor Deus. Procurarei a perdida, tornarei a trazer a desgarrada, ligarei a quebrada e fortalecerei a enferma”* (Ezequiel 34:15 e 16).

4.1 AUSÊNCIA E DESMOTIVAÇÃO DOS MEMBROS PORTUGUESES DAS COMUNIDADES DE FÉ

No contexto multicultural das igrejas em Portugal, a ausência ou a desmotivação nem sempre decorrem apenas de fatores espirituais ou pessoais, mas também de diferenças culturais e de pertença.

O tema sobre o qual se debruça este Capítulo é o eventual afastamento ou a eventual desmotivação de crentes portugueses da Igreja por não se identificarem com a forma de adoração ou com as práticas religiosas vividas pelos crentes estrangeiros. Vamos sintetizar algumas dinâmicas que podem estar associadas a esta problemática, e indicar algumas pistas sobre o “como” e o “porquê” de estas tensões se manifestarem no contexto português, apresentando também possíveis soluções.

Possíveis fatores que influenciam o afastamento ou a desmotivação dos crentes portugueses

1. Diferenças culturais ou de costumes entre “locais” e “estrangeiros”

As práticas de adoração, a linguagem, os estilos de música, as expressões de fé ou a aplicação dos Regulamentos Eclesiásticos podem variar entre Comunidades de diferentes origens culturais. Quando há uma forte influência de membros ou de líderes de nacionalidades estrangeiras, podem existir práticas eclesiais diferentes daquelas a que os crentes portugueses estão habituados, ou com as quais mais se identificam.

Estilo de Liturgia: O tipo de música, o uso de instrumentos diferentes dos habituais, o volume, a espontaneidade ou o estilo mais expansivo de adoração podem levar alguns crentes portugueses a sentirem que tudo parece “excessivo”, ou, como se ouve dizer, “não é esta a minha maneira de adorar”.

Linguagem e expressões: Quando uma parte substancial da Comunidade ou da liderança local é oriunda de outros países ou contextos, pode haver expressões, metáforas e referências que não soam adequadas ao contexto português, reduzindo o sentimento de pertença.

2. Práticas de “importação”

Pode existir o sentimento de que está a copiar-se um modelo desenhado para outro contexto, sem adaptação à realidade portuguesa, o que gera desconforto e falta de autenticidade.

3. Identidade e contextualização locais

Quando, na Comunidade, existe o sentimento de que “os outros adoram de forma diferente”, ou de que “eu não me encaixo”, isso pode potenciar o afastamento de alguns membros locais.



4. Secularização e mentalidade pós-moderna

Vivemos numa época em que as razões para a filiação eclesiástica são mais frágeis, e a “experiência” de fé e de Comunidade pesa mais do que a simples filiação formal. Se não houver sensibilidade pastoral para a forma como a Comunidade vive a fé, e para que tipo de culto faz sentido em determinado contexto, o afastamento torna-se mais provável.

O que pode ser feito para evitar ou amenizar esta desmotivação

1. Reconhecer o contexto cultural local

As Comunidades devem refletir sobre as práticas de adoração em Portugal e adaptar as diferentes expressões de fé, de modo que todas as nacionalidades se sintam confortáveis, promovendo autenticidade e unidade.

2. Acolhimento e pertença

Um acolhimento caloroso, programas inclusivos e espaços de integração ajudam a resolver diferenças culturais, e fazem com que todos os membros se sintam parte integrante da Igreja.

3. Diálogo sobre práticas eclesiásticas

Podem ser promovidos diálogos abertos e empáticos sobre a adoração e as práticas eclesiásticas, ajustando-as de forma colaborativa e fraterna.

4. Preparação de líderes locais

Formar líderes sensíveis à cultura portuguesa e às demais, capazes de mediar com equilíbrio entre a herança Adventista global e o contexto local.

5. Evitar uniformização rígida

Nem tudo o que funciona noutros contextos terá o mesmo impacto em Portugal. É preciso adaptar estratégias com sabedoria.

6. Valorização da identidade

Integrar elementos culturais que tornem os serviços religiosos mais próximos de todos – música, leituras, linguagem, ações e referências locais –, sem se perder os valores fundamentais da fé Adventista.

7. Todos contribuem para a solução

Reconhecer que os irmãos de outras Culturas trazem contributos valiosos e que a diversidade pode ser uma bênção para a Igreja.

8. Unidade dos crentes

Viver a unidade fraterna apresentada por Paulo:

“Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gálatas 3:28).

9. Avaliação periódica

Realizar anualmente um inquérito aos membros da comunidade local, com perguntas como:

- “O que está a funcionar e o que pode ser melhorado?”
- “O que fazer para aumentar o envolvimento dos membros nos programas da igreja?”
- “Qual o grau de satisfação com a qualidade dos cultos e da comunicação?”
- “Qual o grau de ‘sentimento de pertença’ à comunidade de fé?”

4.2 PLANO PASTORAL INTENCIONAL DE RESGATE E REINTEGRAÇÃO

Introdução

Após se compreender as causas que levam alguns membros ao afastamento ou à desmotivação, o passo seguinte é agir com intencionalidade espiritual. O cuidado pastoral não é uma reação pontual, mas um processo contínuo de escuta, acompanhamento e reconciliação. O **Plano Pastoral Intencional** propõe um caminho prático e espiritual para recuperar o sentido de pertença, restaurar relações e renovar a comunhão.

O objetivo não é somente “trazer pessoas de volta ao templo”, mas **reacender a fé e a esperança**, ajudando cada crente a reencontrar o seu lugar na família espiritual. Como ensina o apóstolo Pedro:

“Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; não por torpe ganância, mas de ânimo pronto” (I Pedro 5:2).



4.3 FERRAMENTA DIAGNÓSTICA: INQUÉRITO DAS REALIDADES E DOS DESAFIOS MULTICULTURAIS

Introdução

Uma liderança sábia começa por escutar. O inquérito pastoral (ANEXO 2) é uma ferramenta de diagnóstico que permite compreender **como os membros vivem e percebem a realidade da sua comunidade de fé**. Mais do que recolher dados, trata-se de cultivar uma **cultura de diálogo, escuta e empatia**, elementos essenciais para o crescimento saudável de uma igreja multicultural.

Em contextos de diversidade, onde convivem diferentes Culturas, sensibilidades e histórias de fé, **perguntar é um ato pastoral**. Através da escuta atenta, os líderes podem identificar barreiras invisíveis, potenciar o que já funciona bem e criar Planos de Ação ajustados à realidade local.

Este instrumento, simples mas eficaz, pode ser usado em igrejas de qualquer dimensão, **como ponto de partida para a reflexão comunitária** e para o fortalecimento do sentimento de pertença.

“Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça” (Marcos 4:23).

Escutar é um ato espiritual. Quando a Igreja ouve com atenção, o Espírito fala com clareza. O que emerge dessas respostas não são apenas dados ou percentagens, mas **histórias, experiências e emoções** que ajudam a perceber como cada pessoa vive a fé, o que a aproxima e o que a afasta.

Assim, o inquérito torna-se não só um instrumento de diagnóstico, mas também um **ato de cuidado**, porque quem é ouvido sente-se valorizado e incluído. É a partir desta escuta que o Pastor e a equipa local podem discernir o caminho certo para fortalecer o sentido de pertença e renovar a comunhão da Comunidade.

Objetivo do Inquérito

Este inquérito visa compreender **como os membros da igreja vivem os desafios multiculturais dentro da comunidade local**. Pode ser utilizado para recolher informações valiosas, identificar áreas que necessitem de intervenção e facilitar a construção de um **plano de ação pastoral mais inclusivo**. Através das respostas, é possível perceber **o que funciona bem e o que precisa de melhorar**, de modo a criar um ambiente mais acolhedor, representativo e unido.

Instruções para a Aplicação do Inquérito

- **Formato:** O inquérito pode ser aplicado em formato impresso ou digital, conforme a realidade da igreja local.
- **Confidencialidade:** As respostas devem ser anónimas, garantindo que os membros se expressem de forma honesta e segura.
- **Prazo:** Definir um período realista e equilibrado para a entrega das respostas, permitindo uma participação alargada.

Resultado Esperado

Este inquérito oferece uma **radiografia da realidade multicultural da igreja**, servindo como ponto de partida para uma ação pastoral mais focada, intencional e inclusiva. Ao promover a escuta e o diálogo, ele ajuda a desenvolver **empatia, compreensão e comunhão**, fortalecendo os laços entre todos os membros do corpo de Cristo.

Análise dos Resultados

Após a recolha, recomenda-se que a equipa pastoral e o Conselho local realizem uma análise dos resultados, considerando:

1. **Identificação dos principais desafios:** Pontos críticos de tensão, integração e sensibilidade cultural.
2. **Sistematização das soluções possíveis:** Sugestões mais recorrentes e formas práticas de as aplicar.
3. **Avaliação da perceção geral:** A igreja está a viver uma cultura de inclusão ou precisa de um esforço mais intencional?
4. **Monitorização do progresso:** Repetir o inquérito periodicamente (por exemplo, uma vez por ano), para medir o impacto das ações implementadas.

O inquérito não é um fim em si mesmo – é o **primeiro passo para o diálogo e para a transformação**. Quando a igreja escuta com humildade, o Espírito Santo fala através do testemunho coletivo do Seu povo. A escuta é o alicerce da inclusão, e a inclusão é o reflexo da graça.

“Portanto, aceitem-se uns aos outros, tal como Cristo vos aceitou, para glória de Deus” (Romanos 15:7).

Como complemento a este inquérito, o **Guia Prático “Como Alcançar Ex-Membros e Membros Ausentes”** (Anexo 4) apresenta



estratégias de contacto, reconciliação e discipulado, baseadas em princípios bíblicos e práticas de cuidado espiritual. Este documento pode ser usado em conjunto com o inquérito: Enquanto este permite **ouvir e compreender a realidade**, o Anexo oferece **caminhos concretos para agir e para restaurar a comunhão**.

A junção dos dois instrumentos – **escuta e ação** – reflete o coração do ministério de Cristo:

“O Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido” (Lucas 19:10).

Conclusão

A ausência nunca deve ser vista apenas como um número em falta na lista de membros, mas como uma história interrompida, uma vida que o Bom Pastor ainda deseja alcançar. Por detrás de cada cadeira vazia há um nome, um rosto, uma biografia espiritual, que continua a clamar por cuidado, compreensão e graça.

Ao longo deste Capítulo, vimos que a realidade da ausência ou da desmotivação não é somente uma questão administrativa, mas algo profundamente espiritual e relacional. Ela reflete o desafio de viver a fé num mundo complexo, onde as diferenças culturais, as feridas emocionais, as desilusões comunitárias e as mudanças geracionais podem criar distância entre o coração e o Altar.

Mas cada distância é também uma oportunidade para o reencontro.

O Plano Pastoral Intencional recorda-nos de que a restauração requer estratégia, oração e persistência. Não basta desejar o regresso; é preciso preparar o caminho, visitar, escutar, adaptar e amar de forma prática. As ações propostas, desde o contacto pessoal até aos encontros de reconexão, são expressões visíveis do amor invisível de Cristo.

O Inquérito das Realidades e dos Desafios Multiculturais ensina-nos que, antes de falar, é necessário ouvir. Escutar os membros, compreender as suas perceções e os seus desafios, permite-nos agir com sabedoria e empatia. Quando a igreja ouve os seus filhos, torna-se mais parecida com o Pai que os acolhe a todos.

E o Guia Prático “Como Alcançar Ex-Membros e Membros Ausentes” (Anexo 4) mostra-nos o caminho do retorno, não só o caminho físico até à igreja, mas o caminho espiritual até à comunhão. É um convite a que cada Comunidade se torne numa casa aberta, onde o reencontro é possível e a pertença é restaurada.

No fundo, este Capítulo é um apelo à igreja como família reconciliadora. Uma Comunidade que não desiste de ninguém, que não se resigna à perda e que vê em cada ausência uma chamada à ação pastoral.

“Deixará as noventa e nove nos montes, e, indo, procurará a que se desviou” (Mateus 18:12).

Que cada Pastor, Ancião e membro entenda que o ministério do regresso começa em si mesmo, na disposição de cuidar, de acolher e de perdoar. Que as igrejas se tornem lugares de reencontro e não de julgamento, de pontes e não de muros, de proximidade e não de distância.

Porque, no Reino de Deus, ninguém é esquecido. E quando uma só ovelha regressa, o Céu inteiro alegra-se!

“Regozijai-vos comigo, porque achei a minha ovelha que se havia perdido” (Lucas 15:6).



ANEXO 1

Plano Pastoral Intencional

Neste documento, deixamos uma proposta de elaboração de um Plano Pastoral Intencional, a fim de trabalhar com os membros ausentes das nossas comunidades de fé.

1. Fundamentação Bíblica e Teológica

- O papel da equipa pastoral (Pastor e Anciãos), como “pastores do rebanho”, é estar atenta, visitar e cuidar de cada ovelha como se fosse única (cf. I Pedro 5:2 e 3; Ezequiel 34), pois cada membro da Comunidade é valioso.
- A ausência dos membros tem, muitas vezes, raízes em questões relacionais, emocionais, espirituais ou culturais.

2. Diagnóstico/Preparação

Antes de se iniciar o Plano, é útil fazer-se um diagnóstico da Comunidade, para perceber quantos “ausentes/desmotivados” existem na igreja, qual o perfil de cada um, e quais as possíveis causas da sua ausência.

Algumas tarefas:

- A. Criar uma lista de membros que tenham estado ausentes há X meses ou com frequência muito inferior à média. Para isso, contactar o Secretário e os membros mais antigos da Comunidade.
- B. Realizar um breve inquérito/questionário para entender os motivos pelos quais a assiduidade desses membros se tornou tão precária.
- C. Verificar se existe algum padrão na classe ausente (ex.: Jovens; famílias com filhos; Imigrantes; membros portugueses que não se identificam com a forma de adoração atual da igreja; pessoas com vivência eclesial diferente daquilo que é a forma-padrão da Igreja Adventista nacional; etc.).
- D. Verificar se existe alguma “barreira cultural” ou algum “sentimento de não-pertença”, ou algum pensamento divergente ao nível dos Regulamentos Eclesiásticos.

3. Objetivos do Plano

Alguns objetivos possíveis:

1. Reconectar-nos com os membros ausentes num prazo de 6-12 meses.
2. Identificar as possíveis causas da sua ausência (que podem ser os serviços religiosos, causas doutrinárias, fraco acolhimento, relacionamentos, falta de transporte, Cultura, etc.), e propor respostas adaptadas.
3. Aumentar o sentimento de pertença e a participação desses membros, para que se sintam parte integrante da Comunidade.
4. Escolher uma estrutura para a Comunidade que possa acolher melhor os diversos estilos, sem nunca comprometer a identidade Adventista. (Exs.: Pequenos Grupos informais, momentos de adoração adaptados, Liturgia profunda sem ser “pesada”, música que responda melhor às necessidades “atuais”, etc.).

4. Ações Práticas

Deixamos algumas sugestões:

A) Alcance Individualizado

- Devemos continuar a atualização da lista dos membros ausentes.
- Contactar pessoalmente os membros da lista. Um membro da equipa pastoral pode fazê-lo.
- Criar um cartão ou uma carta personalizados de “cuidado” (nunca para exigir que voltem, mas para mostrar que são importantes).
- Convidar os ausentes para um encontro informal, num ambiente social, onde se possa transmitir amizade e empatia.
- Visitar os membros ausentes, levando alguém da Comunidade com quem esse membro se identifique. Se a causa da sua ausência for um problema de diversidade cultural, levar na visita um irmão de outra nacionalidade que não a portuguesa, a fim de derrubar potenciais barreiras e criar pontes multiculturais.



B) Sentimento de Pertença

- Criar ou reforçar Pequenos Grupos ou células (famílias, jovens, etc.), para que membros “desligados” se sintam mais em casa. Se os membros ausentes forem Portugueses e a causa da sua desmotivação tiver sido as barreiras culturais, pode criar-se um Pequeno Grupo de participantes portugueses, a fim de se chegar a estes crentes. Por outro lado, se os ausentes forem membros de outras nacionalidades, deve-se formar Pequenos Grupos onde eles possam ser integrados, e, assim, sentir o calor da igreja.
- Atribuir “companheiros de cuidado” ou “amigos de igreja” que mantenham contacto regular com estes membros ausentes.
- Verificar se a Liturgia da igreja está acessível e é confortável para todos, tanto para os que entraram recentemente como para os membros mais antigos que não se reveem no estilo pós-moderno de adoração.

C) Acesso, Adaptação e Flexibilidade

- Considerar alternativas de acesso: *Streaming* do culto, gravações, encontros mais curtos, horários alternativos para quem não consegue estar presente no horário convencional, etc.
- Pode organizar-se um “culto de reconexão” ou um “encontro especial” para os crentes ausentes, com um ambiente adequado, momentos de partilha, onde eles não se sintam julgados.

D) Sistematização, Acompanhamento e Feedback

- Criar uma base de dados ou de registo para acompanhar quem já foi contactado, qual a resposta da sua parte, e que seguimento é necessário fazer.
- Realizar encontros regulares de reflexão com a equipa pastoral (“*O que está a funcionar?*”, “*Que obstáculos surgiram?*”, “*Quais os ajustes a fazer?*”).
- Solicitar *feedback* aos próprios ausentes/desmotivados: “*O que te ajudaria a participar mais?*”; “*Que mudanças na liturgia eclesial ou na vivência da Comunidade seriam mais confortáveis para ti?*”

E) Estilo de Adoração e Reuniões de Diálogo

- Identificar se o motivo da ausência está ligado à forma de adoração ou ao sentimento de não-pertença cultural. Se for o caso, fazer reuniões de diálogo na Comunidade sobre “*como podemos valorizar estilos diferentes*” ou “*como podemos aproveitar os vários benefícios da diversidade cultural*” ou, ainda, “*como chegar à unidade na diversidade*”. Isto, sem nunca perder a identidade que nos caracteriza.

5. Cuidados a Ter

- O enfoque do nosso contacto com os ausentes deve ser o cuidado, a valorização de cada um, mostrando-lhes que eles são queridos, numa Comunidade que também é a sua.
- Não usar um estilo “policiamento de frequência”, pois isto pode gerar défice de confiança.
- Garantir sempre a confidencialidade, o respeito e a escuta empática.
- Adaptar-se culturalmente. Tratar todos de igual forma, independentemente da nacionalidade, da geração ou da experiência de fé.
- Para que este serviço seja sustentável e sólido, deve envolver-se toda a Comunidade nesta missão: Equipa pastoral, Departamentos da igreja, voluntários, Pequenos Grupos, etc.

6. Indicadores de Sucesso

Para avaliar este plano, deve considerar-se alguns indicadores:

- Percentagem de membros na lista de ausentes que respondeu ou foi contactada.
- Número de ausentes que voltaram a frequentar os programas da igreja ou os Pequenos Grupos.
- *Feedback* qualitativo (“*Sinto-me mais acolhido*”; “*Sinto que pertenço à Comunidade*”).
- Alterações de estilo ou participação que refletem maior diversidade e inclusão.
- Redução no número de membros que se ausentam e que não participam ativamente.



- Maior envolvimento e compromisso desses membros nas várias atividades.

ANEXO 2

INQUÉRITO DAS REALIDADES E DOS DESAFIOS MULTICULTURAIS

Este inquérito foi idealizado com o intuito de se focar na realidade das igrejas e dos desafios multiculturais. Pode ser uma excelente ferramenta, especialmente quando se trata de integrar membros de diferentes origens culturais.

Objetivo do Inquérito: Este inquérito visa compreender como os membros de Igreja vivem os desafios multiculturais dentro da Comunidade, e pode ser usado para recolher informações valiosas, identificar áreas que necessitem de intervenção, e facilitar a realização de um Plano de Ação. Através dele, podemos constatar o que funciona bem e onde precisamos de melhorar, a fim de proporcionar um ambiente mais inclusivo e acolhedor.

Instruções para a Aplicação do Inquérito

Formato: O inquérito será disponibilizado de forma impressa, embora possa ser transformado em inquérito digital pela igreja local.

Confidencialidade: As respostas do inquérito podem ser dadas de forma anónima, para que os membros tenham segurança para se expressar honestamente.

Prazo: Estabelecer um prazo para a devolução das respostas. Este prazo deve ser exequível e equilibrado.

INQUÉRITO

Parte I:

Informações Gerais (Demográficas)

1. Idade

- Menos de 18 anos
- 18-29 anos
- 30-39 anos
- 40-49 anos
- 50-59 anos
- 60 anos ou mais



2. Origem cultural/étnica

(Assinale a opção que melhor o descreve)

- Portuguesa
- Brasileira
- Angolana
- Moçambicana
- Cabo-Verdiana
- São Tomense
- Outra (Especifique) _____

3. Há quanto tempo está nesta igreja local?

- Menos de 1 ano
- 1-5 anos
- 5-10 anos
- Mais de 10 anos

4. Em que tipo de culto costuma participar?

- Culto principal (Sábado)
- Pequeno Grupo
- Outras atividades _____

Parte II:

Experiência de Adoração Multicultural na Igreja

5. Sente-se acolhido na igreja, independentemente da sua origem cultural?

- Sim
- Não
- Em parte

6. A igreja reflete uma diversidade cultural nas suas atividades (culto, eventos, grupos)?

- Sim, de maneira visível
- Não, ainda não há muita diversidade cultural
- Em parte, mas precisa de melhorar

7. Já se sentiu excluído ou desconfortável nalgum evento da igreja, devido à sua origem cultural?

- Sim
- Não
- Às vezes

8. Como classifica o estilo de adoração da sua igreja em relação às suas preferências culturais?

- Totalmente identificado
- Parcialmente identificado
- Não identificado
- Não sei responder

9. A igreja tem feito esforços para integrar diferentes estilos culturais de adoração (música, pregação, eventos)?

- Sim, e isso é notável
- Não muito, pode melhorar
- Não, ainda não vejo mudanças

10. Gostaria de que a igreja ajustasse algum aspecto do culto para refletir melhor a diversidade cultural dos membros? Se sim, que aspectos?

- | | |
|------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Não | <input type="checkbox"/> Sim |
| | <input type="checkbox"/> Música |
| | <input type="checkbox"/> Língua |
| | <input type="checkbox"/> Estilo de pregação |
| | <input type="checkbox"/> Programação de eventos |
| | <input type="checkbox"/> Outro (Especifique) _____ |
| | Outras atividades _____ |

Parte III:

Desafios Multiculturais e Oportunidades de Melhoria

11. Quais são os maiores desafios multiculturais que identifica na sua igreja? (Selecione os que se aplicam)

- Diferenças de língua/idioma
- Diferenças no estilo de culto
- Falta de integração entre membros de diferentes Culturas
- Preconceito ou discriminação velada/encoberta
- Falta de líderes de diferentes Culturas
- Outros (Especifique) _____

12. Na sua opinião, a liderança da igreja tem demonstrado sensibilidade suficiente às questões multiculturais?

- Sim
- Não
- Em parte



13. Sente que a igreja promove um ambiente de unidade, apesar das diferenças culturais?

- Sim
- Não
- Às vezes

14. Que resoluções acha que a igreja precisa de tomar para melhorar a união entre os membros das diferentes Culturas? (Selecione as que achar necessárias)

- Realizar mais eventos interculturais
- Criar grupos de apoio para Imigrantes ou novos membros
- Melhorar a formação dos líderes para lidar com questões multiculturais
- Desenvolver um programa de integração cultural mais formal
- Outras (Especifique) _____

15. Há algo que gostasse de sugerir para facilitar uma maior participação dos membros de diferentes Culturas na vida da igreja?

Parte IV: Reflexões Pessoais

16. Gostaria de se envolver mais ativamente em atividades ou Ministérios que promovam a diversidade cultural da igreja?

- Sim
- Não
- Talvez, dependendo da proposta

17. Quais são as suas expectativas para o futuro da sua igreja, especialmente no que diz respeito à inclusão e à diversidade cultural?

18. Outras sugestões ou outros comentários relacionados com a integração multicultural na igreja:

Resultado Esperado:

Este inquérito oferece uma radiografia da realidade da igreja, e pode servir como ponto de partida para uma intervenção mais focada e inclusiva. Também ajuda a fomentar uma cultura de escuta e de empatia, essencial para o sucesso de uma igreja multicultural.

Análise dos Resultados

Após a recolha dos inquéritos, deve ser feita a análise dos resultados, tendo em consideração os seguintes aspetos:

1. **Identificar os principais desafios:** Quais são os pontos críticos de tensão? Quais as dificuldades na integração dos crentes? Há falta de sensibilidade cultural? Existem diferenças na forma de adorar?
2. **Esquematizar soluções possíveis:** Quais as sugestões que foram mais frequentemente mencionadas pelos membros? Como podem essas sugestões ser implementadas de maneira prática na vida da igreja?
3. **Avaliar a percepção geral:** A igreja está a funcionar bem em termos de inclusão multicultural, ou é necessário um esforço mais intencional?
4. **Monitorizar o progresso:** O inquérito pode ser repetido ao longo do tempo (anualmente, por exemplo), para avaliar se as mudanças sugeridas e implementadas foram eficazes, e se o ambiente está a melhorar.



ANEXO 3

Ausência/Desmotivação dos Membros Portugueses das Comunidades de Fé

O tema sobre o qual se debruça este documento é o eventual afastamento ou a eventual desmotivação de crentes portugueses da Igreja, por não se identificarem com a forma de adoração ou com as práticas religiosas vividas pelos crentes estrangeiros. Vamos tentar sintetizar algumas das dinâmicas que podem estar associadas a esta problemática, e dar também algumas pistas do “como” e do “porquê” de estas tensões poderem manifestar-se no contexto português. Daremos igualmente as possíveis soluções para este desafio.

Possíveis fatores que influenciam o afastamento/a desmotivação dos crentes portugueses:

– Diferenças culturais ou de costumes entre “locais” e “estrangeiros”

- As práticas de adoração, a linguagem, os estilos de música, as expressões de fé ou a aplicação dos Regulamentos Eclesiásticos podem variar entre Comunidades de diferentes origens culturais.
- Quando há uma forte influência de membros ou líderes de nacionalidades estrangeiras, podem existir práticas eclesásticas diferentes daquelas a que os crentes portugueses estão habituados, ou com as quais mais se identificam.

Neste contexto, podemos pressupor vários aspetos:

1. Estilo de Liturgia: O tipo de música, o uso de instrumentos diferentes dos habituais, o volume, a espontaneidade ou o estilo mais expansivo de adoração podem levar alguns crentes portugueses a sentirem que tudo parece “excessivo”, ou, como se ouve dizer: “Não é esta a minha maneira de adorar!”

2. Linguagem e expressões: Quando uma parte substancial da Comunidade ou da liderança local é oriunda de outros países ou contextos, pode haver expressões, metáforas e referências que não soam adequadas ao contexto português, reduzindo o sentimento de pertença.

3. Práticas de “importação”: Pode haver o sentimento, no quadro local, de que está a copiar-se um modelo que foi desenhado para outro contexto, sem adaptação ao cenário português, e isso pode gerar desconforto ou sentimento de que “*não é genuíno*”.

4. Identidade e contextualização local: Se, na comunidade local, existe o sentimento de que “os outros adoram de forma diferente”, ou de que “eu não me encaixo”, ou de que “os serviços eclesiais são mais para aqueles que vêm de outros países”, isso pode potenciar o afastamento de alguns membros locais.

5. Secularização e mentalidade pós-moderna: Vivemos numa época em que as razões para a filiação eclesial são muito frágeis, e onde a “experiência” de fé e da Comunidade pesa mais do que a simples filiação formal. Se não houver, portanto, sensibilidade para “Como é que esta comunidade local vive?” e para “Que tipo de culto faria sentido aqui?”, pode haver afastamento de quem tem outra expectativa ou outra herança cultural.

O que pode ser feito para evitar, ou para amenizar, esta desmotivação?

Deixamos aqui algumas ideias que podem ajudar:

1. Reconhecer localmente o contexto cultural: As comunidades locais devem refletir: “*Como são as práticas de adoração em Portugal?*” Estas Comunidades devem conseguir adaptar as diferentes práticas religiosas ao contexto nacional, para que todas as nacionalidades se sintam confortáveis e haja autenticidade e unicidade.

2. Acolhimento e pertença: É fundamental que os membros da igreja local façam um bom acolhimento a todos os que cheguem à Comunidade. Um acolhimento caloroso bem como programas inclusivos e a criação de espaços de integração ajudarão, em grande medida, na resolução da problemática das diferenças culturais, e tenderão a levar todos os membros, independentemente da sua nacionalidade, a sentirem que são parte integrante da igreja.

3. Diálogo sobre práticas eclesiais: Podem organizar-se, na igreja local, diálogos abertos e empáticos sobre a questão da adoração e das práticas eclesiais, a fim de ajustar estas realidades de forma colaborativa.

4. Preparação de líderes locais: Formar líderes que sejam sensíveis à cultura portuguesa e a todas as demais, que possam mediar com equilíbrio entre a herança Adventista global e o contexto local.



5. Evitar uniformização rígida: Reconhecer que nem tudo o que funciona num determinado contexto estrangeiro funcionará em Portugal da mesma maneira. Adaptar a estratégia à realidade na qual se está inserido é uma experiência sábia.

6. Valorização da identidade: Integrar elementos culturais que possam tornar os serviços religiosos mais próximos do ideal para todos, desde a música, as leituras bíblicas, as orações, a linguagem acessível e adaptada, os tempos de ação, as referências locais, etc., sem nunca perder de vista os valores Adventistas.

7. Todos contribuem para a solução: Admitir que os irmãos oriundos de outras Culturas e nacionalidades têm também uma contribuição positiva na organização da Comunidade. Reconhecer que existem várias ideias de membros estrangeiros que podem ser uma mais-valia em Portugal.

8. Unidade dos crentes: Reconhecer que o Evangelho não tem fronteiras, e que todos somos cidadãos do Reino dos Céus. E viver a unidade fraterna tal como é apresentada pelo apóstolo Paulo, em Gálatas 3:28: *“Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.”*

9. Avaliação periódica: Fazer um inquérito/questionário aos membros da comunidade local com perguntas pertinentes sobre este tema, a fim de monitorizar e de avaliar a realidade local:

1. “O que está a funcionar e o que pode ser melhorado?”
2. “O que fazer para que a participação dos membros nos programas da igreja seja mais efetiva e comprometida?”
3. “Qual é o seu grau de satisfação com a qualidade dos serviços eclesiais e da comunicação na igreja?”
4. “Qual é o seu grau de ‘sentimento de pertença’ à comunidade de fé?”
5. Outras questões...

Realizar este processo periodicamente (pode ser anualmente).

ANEXO 4

Guia Prático “Como Alcançar Ex-Membros e Membros Ausentes”

Ver em: <https://recursos.adventistas.org.pt/associacao-ministerial/manuais-e-guias/como-alcancar-ex-membros-e-membros-ausentes/>



QUESTÕES ADMINISTRATIVAS

Introdução

Entre as questões que se colocam a alguém que chega ao nosso país e que começa a frequentar a Igreja, estão os procedimentos administrativos adotados pela Igreja nas diversas áreas da sua vida e da sua missão. Conhecer estes procedimentos é de vital importância para uma integração mais rápida na comunidade de fé.

Este Capítulo pretende dar a conhecer os processos administrativos seguidos pela Igreja em diversas áreas, a fim de facilitar a integração daqueles que começam a fazer parte da Igreja.

ESTRATÉGIAS

– Assegurar que a igreja cumpre e comunica aos novos membros os processos administrativos definidos pelos diversos Manuais e Regulamentos da IASD:

- ▶ Sugestões
 - Ter em atenção áreas como:

1) Regras e Leis para a Missão

- Plano de Ação da Igreja e Calendário de Atividades conhecido e acessível aos membros (através de folheto simples, *PDF*, redes sociais da Igreja).
- Facilitar a integração do membro numa área de missão com a qual se identifique.
- Iniciativas ou projetos de ação missionária devem ser comunicados ao Diretor do Ministério Pessoal local, que analisará em conjunto com o Pastor e com o Conselho de Igreja local a validade e a viabilidade dos mesmos, e, se forem aprovados, serão enquadrados no Plano de Ação da igreja local.
- Distribuição de folhetos e ações de rua devem estar enquadradas no Plano de Ação local e calendarizadas.
- Devem ser respeitados os avisos afixados nas caixas de correio e à entrada dos edifícios sobre não colocação de publicidade.

- Folhetos e outro material a distribuir serão do material existente e disponibilizado pelo Departamento de Evangelismo e do Ministério Pessoal da UPASD.
- Ocupação de espaços públicos em eventos relacionados com a missão deve ser feita de acordo com as leis e as regras municipais e nacionais.

2) Liturgia e Música

- A Liturgia é votada pelo Conselho de Igreja. É a expressão da adoração da igreja em resposta à presença de Deus.
- A Liturgia deve ser reverente, alegre, harmoniosa, integradora da experiência de fé e contemplar as realidades culturais da Comunidade.
- A Liturgia deve estar em harmonia com as orientações do Serviço de Música e Liturgia da UPASD.
- Os Diretores de Música colaboram com o Pastor e com os Anciãos para que as escolhas musicais estejam em harmonia com o tema da pregação.
- Os Diretores de Música aconselham-se com o Pastor e com os Anciãos quanto à seleção de cantores e músicos.
- Devem ser escolhidos cantores e músicos que sejam preferencialmente membros de Igreja. A participação de cantores ou músicos que ainda não sejam membros de Igreja será decidida em consulta com o Pastor e com os Anciãos.
- Cantores e músicos oriundos de outras igrejas que sejam convidados a participar devem previamente ter a recomendação do Pastor das suas igrejas.
- As músicas a serem tocadas e cantadas devem ser inspiradoras, harmoniosas e estar em consonância com os padrões de música admitidos no território da União. Música de natureza secular ou questionável não deve ser introduzida nos serviços religiosos.
- Seguir as orientações específicas acerca de ensaios, modelos de música e instrumentos musicais admitidos,



em cada igreja, bem como suportes digitais e prazos com que devem ser dados aos responsáveis de Som de cada igreja, antes de cada apresentação.

3) **Uso da Palavra**

- Participação livre nas Unidades de Ação da Escola Sabatina ou em qualquer reunião regular de igreja, desde que não perturbe o funcionamento das mesmas (exceto nas Reuniões Administrativas, em que tal uso e tal presença só são concedidos aos membros regulares da igreja).
- O uso da palavra na participação ativa na apresentação de qualquer tema na igreja só deve ser feito por membros em situação regular.
- O uso da palavra a convite da igreja local num programa presencial carece de recomendação pastoral prévia.
- O uso da palavra a convite da igreja local através de meios telemáticos carece de recomendação pastoral da igreja onde a pessoa está inscrita como membro.

4) **Pequenos Grupos**

- Cada Adventista pode iniciar um pequeno grupo ou integrar um pequeno grupo que já exista na igreja.
- Ao formar-se um novo pequeno grupo, é conveniente que o Diretor do Ministério Pessoal da igreja saiba da existência desse pequeno grupo.
- Deverá ser enviado periodicamente ao Diretor do Ministério Pessoal da igreja local um relatório sobre o desenvolvimento do pequeno grupo (estudos efetuados, pessoas interessadas, perspectivas de futuros candidatos a batismo, necessidade de acompanhamento...).

5) **Pregação**

- Apenas membros em situação regular na igreja local poderão pregar.
- Pastores que estão de férias ou de passagem poderão ser convidados a pregar, desde que estejam munidos de credencial válida ou de carta de recomendação da

Associação ou da União onde estão a servir, ou sejam, devida e notoriamente, reconhecidos como Pastores da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

- Qualquer membro leigo de outra igreja local poderá ser convidado a pregar, desde que tenha recomendação pastoral do Pastor da sua igreja de origem e o Pastor local esteja informado e concorde com esse convite.

6) Disciplina Eclesiástica

- Cada membro de Igreja está sujeito aos princípios e às normas defendidos pela Igreja Adventista do Sétimo Dia.
- A quebra de uma ou mais dessas normas pode trazer como consequência a necessidade de aplicar disciplina eclesiástica.
- A disciplina eclesiástica pode ter duas figuras: Censura ou exclusão.
- A disciplina eclesiástica é proposta pelo Conselho de Igreja local em Reunião Administrativa, de acordo com os procedimentos preconizados pelo *Manual da Igreja* para o efeito.
- O membro a ser disciplinado poderá, caso deseje, estar presente na Reunião Administrativa, para poder apresentar a sua defesa, de acordo com o especificado no *Manual da Igreja*.
- Na Reunião Administrativa, só poderão estar membros de Igreja inscritos na igreja local, a menos que alguém que ainda não tenha esse estatuto esteja presente como testemunha do caso. Apenas poderá estar presente durante o período em que dará o seu testemunho.
- Qualquer pessoa que frequente uma igreja local, mas não tenha pedido a sua transferência e tenha quebrado os princípios, as normas ou as regras da Igreja, a igreja onde está registada será informada do sucedido e agirá em conformidade.
- Nenhum membro sob disciplina eclesiástica poderá ser transferido ou usar da palavra (como Dinamizador



da Escola Sabatina ou em qualquer programa da igreja para apresentar qualquer assunto), pregar ou ter alguma intervenção que implique a sua qualidade de membro.

7) **Transferências e Cartas de Recomendação**

- Quando um membro de Igreja se muda para uma localidade onde pretende permanecer por um período superior a seis meses, deve solicitar ao Secretário da igreja à qual deseja unir-se que inicie o processo de transferência da igreja de onde é oriundo.
- O Secretário da igreja inicia então o processo de transferência em harmonia com os procedimentos do *Manual da Igreja*.
- Após a chegada da carta de transferência, terão de ser feitas duas leituras, em Reunião Administrativa, com o espaço de uma semana entre ambas, para que, não havendo da parte da congregação qualquer objeção, a transferência seja favoravelmente votada.
- Somente após a segunda leitura e respetiva votação, será o membro inscrito como membro regular da nova igreja.
- Se não for possível obter a carta de transferência de membro, por falta de resposta da igreja concessora, pode a igreja local, em conselho com a Administração da União, aceitar o membro por profissão de fé.
- As cartas de recomendação trazidas por uma pessoa não têm o mesmo valor que as cartas de transferência, nem conferem a possibilidade de usar da palavra, ou de ter o mesmo estatuto que um membro regular da igreja.
- Para poder cantar, usar da palavra ou apresentar um programa, é necessário seguir os passos especificados no ponto “Uso da Palavra”.
- Um membro que esteja de passagem e que precise de carta de recomendação, atestando que passou pela

igreja local, solicitará essa carta ao Secretário da igreja local, com a devida antecedência.

8) Questões de Casamento

- A Igreja Adventista em Portugal apenas aceita dois tipos de casamento: Casamento civil e casamento civil sob forma religiosa (em harmonia com a lei da Liberdade Religiosa (Lei nº 16/2001)).
- Qualquer outro tipo de relação conjugal que não esteja em harmonia com estes dois aspetos impede que a pessoa possa pedir a sua transferência, ou, no caso de já ser membro de Igreja e a sua situação civil não corresponder ao que é seguido no nosso país, incorrerá em disciplina eclesiástica.
- Os casais que queiram regularizar a sua situação falarão com o Pastor de igreja para procederem a essa regularização.
- Para que uma cerimónia religiosa de casamento possa ser realizada por um Pastor, é necessário que os noivos sigam um curso de formação matrimonial, findo o qual o Pastor passará um certificado, atestando a conclusão do curso.
- Os aspetos litúrgicos das cerimónias de casamento estão definidos na União Portuguesa e os nubentes devem informar-se sobre essa Liturgia com o Pastor local.

9) Juventude Adventista e Desbravadores

- Qualquer dirigente dos Desbravadores ou Líder dos Desbravadores noutra país pode vir a exercer funções de liderança nos Desbravadores em Portugal.
- Tais funções devem sempre passar pela Comissão de Nomeações ou pelo Conselho de Igreja local.
- As Classes Progressivas obtidas no país de origem podem ser reconhecidas, através de um processo de equivalência. Para o efeito, deve contactar-se a Comissão Regional da área da igreja local e informar-se sobre a equivalência do Currículo JA.



- O candidato (se for Guia ou Líder) deverá ter a sua situação de membro regularizada na igreja em Portugal e ter uma carta de recomendação da igreja onde é membro.
- O candidato deverá solicitar um certificado do seu percurso JA no Núcleo de origem e junto do Órgão de Juventude Adventista (Associação, União) que tutela o programa de formação no país de onde provém, e remeter esse documento ao Diretor do Departamento de Jovens da União Portuguesa.
- As solicitações de equivalência ou de reconhecimento de Currículo (Classes Progressivas, Especialidades) deverão ser enviadas para as Comissões Regionais um mês antes da Investidura, a fim de serem avaliadas pelo Diretor do Departamento de Jovens.
- O candidato que obtenha a sua equivalência é reconhecido como tal.
- Se for detentor da Classe Progressiva de Líder, deverá ainda frequentar um módulo presencial da Escola de Formação para Dirigentes, a fim de se identificar com a visão concetual do Departamento de Jovens da UPASD.

10) Assistência Espiritual e Religiosa em Hospitais ou Prisões

- A assistência espiritual e religiosa nos Hospitais do Serviço Nacional de Saúde é regulada pelo Decreto-Lei nº 253/2009 de 23 de setembro.
- Em caso de internamento num Hospital do Serviço Nacional de Saúde, o doente, ou um familiar seu, pode solicitar, no momento da admissão, “assistência espiritual e religiosa” por parte do Pastor da sua Igreja.
- Deverá fornecer ao enfermeiro ou ao médico o nome e o contacto do seu Pastor, para que a assistência espiritual possa ser realizada.
- Não é permitida a distribuição em ambiente hospitalar de literatura religiosa aos doentes, familiares, médicos e enfermeiros.

- A assistência espiritual e religiosa nas prisões é regulada pelo Decreto-Lei nº 252/2009 de 23 de setembro.
- A assistência espiritual nas prisões segue, regra geral, o mesmo modelo da assistência espiritual nos hospitais.

11) Pedido de Isenção de Aulas, Exames e Trabalho ao Sábado

- Os alunos e os trabalhadores em regime de flexibilidade de horário que tenham aulas, exames ou trabalho ao Sábado podem apresentar uma declaração a solicitar a dispensa de aulas, exames ou trabalho ao Sábado ao abrigo do artigo 14 da Lei nº 16/2001 de 22 de junho (Lei da Liberdade Religiosa).
- Devem, por isso, solicitar ao Pastor a declaração devidamente assinada e carimbada com o carimbo da Igreja.



ESPAÇOS DE CULTO

Introdução

Este capítulo aborda os problemas relacionados com a **sobrelotação dos espaços de culto** e com a **falta de condições adequadas** em muitas igrejas, realçando a necessidade de uma resposta organizada, responsável e sustentável por parte das comunidades locais.

ESTRATÉGIAS

1. Cuidado e Melhoria dos Espaços de Culto

Assumir, de forma consciente e contínua, o cuidado e a melhoria das condições do espaço de culto da comunidade de crentes.

- ▶ Sugestões
 - Estar atento a áreas como a decoração, pintura, manutenção geral, aquecimento e conforto térmico, entre outras necessidades.

2. Fortalecimento da Vida Comunitária

- Fortalecer a criação de **redes de Pequenos Grupos** como resposta às necessidades de apoio espiritual e de proximidade entre os membros.
- Incentivar a realização regular de **Reuniões Administrativas**, promovendo a partilha de informação e a reflexão conjunta sobre as necessidades existentes e a utilização dos recursos financeiros disponíveis.
- Incentivar momentos comunitários de cuidado e valorização do património local.

3. Responsabilidade Financeira

Reforçar, junto dos membros da igreja, a importância de um **plano pessoal de ofertas**, distinguindo claramente:

- a **oferta de gratidão** (relação vertical com Deus);
- a **oferta voluntária** (relação horizontal com a membresia local).

4. Segurança e Prevenção

- Com uma regularidade pelo menos anual, recomenda-se a realização de um **simulacro de evacuação**, cronometrando o tempo necessário para a evacuação total do espaço.

5. Medidas em Caso de Sobrelotação

Sugestões:

- Implementação de um **sistema de dois cultos**;
- Abertura de novas igrejas a partir da divisão da igreja-mãe;
- Aluguer de espaços junto de outras confissões religiosas, associações ou unidades hoteleiras;
- Funcionamento de Pequenos Grupos aos sábados de manhã, desde que autorizados pelo **Conselho de Igreja** e integrados no plano de ação da igreja.

6. Critérios para Novos Espaços de Culto

Na escolha de potenciais novos espaços para comunidades existentes ou para novas comunidades, devem ser considerados os seguintes princípios:

- Recolher sempre o **parecer favorável da Direção da Região**;
- Obter o **voto do Conselho de Igreja**, em reunião administrativa, e o voto do **Conselho Diretor**;
- Assumir como princípio a necessidade de alcançar a **autonomia financeira** da comunidade local;
- No caso de compra ou aluguer de espaços não licenciados como igreja, a **Lei da Liberdade Religiosa** permite a sua utilização como espaço de culto, mas não legitima alterações estruturais à configuração do edifício (por exemplo, demolição de paredes de alvenaria);
- Em todas as intervenções que impliquem alterações nos circuitos de entrada e saída dos espaços, deve ser recolhido o **parecer favorável de um especialista em segurança**.

CONCLUSÃO



A realidade multicultural das igrejas Adventistas em Portugal é um sinal claro do agir missionário de Deus no nosso tempo. Ela desafia-nos a crescer em maturidade espiritual, sensibilidade pastoral e responsabilidade institucional, para que a diversidade se torne uma bênção e não um obstáculo à comunhão.

Ao longo deste dossier, fomos convidados a refletir sobre a importância de acolher, integrar, escutar e cuidar, sem perder de vista a identidade, os princípios e a missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A verdadeira unidade não nasce da uniformização, mas da submissão comum a Cristo, que nos chama a viver como um só corpo, apesar das nossas diferenças.

Este documento não pretende encerrar um debate, mas incentivar um caminho contínuo de discernimento, formação e ação pastoral. Cada igreja local é chamada a aplicar estes princípios com sabedoria, oração e amor, respondendo à sua realidade concreta e aos desafios do contexto em que serve.

Que as nossas comunidades sejam cada vez mais lugares de pertença, reconciliação e missão, onde ninguém se sente estrangeiro e todos são chamados a caminhar juntos em Cristo.

“Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo vos acolheu, para glória de Deus” (*Romanos 15:7*).

